

Uma homenagem à Terra do Café com Biscoito

"Nesse pequeno rincão mineiro, eu nasci. Aí fui batizado, cresci, aprendi a viver e a ser gente. Foi naquele chão simples que fiz as melhores amizades, que encontrei rostos que até hoje habitam minha memória e que compartilhei dias que o tempo jamais conseguiu apagar. Éramos muitos. Amigos, primos, parentes — quase todos da mesma idade. A vida era simples, mas nunca nos faltava o essencial. E, curiosamente, nem sentíamos falta. Havia sempre um jeito. Se alguém adoecia, vinha o chá, preparado com cuidado e fé. Se faltava algo em casa, corria-se ao vizinho — e nunca se voltava de mãos vazias. Era tudo partilha", conta Marcus Santiago em artigo especial.

Página 3

Artigo relembra e enaltece Trezena de Santo Antônio em família

"Homem de profunda devoção a Santo Antônio, Sr. Antônio fez uma promessa ao santo após o nascimento de vários filhos surdos e que não falavam. Rogou para que Deus lhe concedesse um filho sem deficiência e, segundo a família, sua prece foi atendida com o nascimento de Antônio Marçal Sampaio, que se destacaria pela inteligência e pela importante atuação na vida pública e política de São Tiago". Conheça essa história de fé, cultura e tradição em texto de Fernando Campos.

Página 4

Conheça os povoadores da nossa São Tiago

Segundo o IBGE, São Tiago tem hoje mais de 11 mil habitantes. Mas muito antes de reunir tanta gente e se consolidar como a Terra do Café com Biscoito, nossa terra foi um canto do mapa a ser descoberto, uma fazenda com uma capela onde residiram Antônio Barbosa Nunes e Quitéria Freire dos Santos.

Página 6



PAUSA PARA UMA VIAGEM HISTÓRICA: AS INVASÕES MONGÓIS AO JAPÃO

"O imperador mongol Temudjin, mais conhecido como Ghêngis Khan, nascido por volta de 1167, conseguiu unificar as tribos nômades das estepes asiáticas, criando o poderoso e vasto império, tendo conquistado Pequim em 1215. Seu neto Kublai

Khan unificaria em 1279 toda a China, permitindo que as terras, sob domínio mongol (dinastia Yuan), se estendessem da península coreana ao Mar Negro e o centro da Europa, voltando, então, suas ambições para o Japão. Seus grandes e disciplinados exércitos não conseguiriam, contudo, ser bem sucedidos em dois lugares: o Vietnã, cujas tentativas de invasões se sucederam entre 1257 a 1288 e o Japão, com duas tentativas conhecidas".

Página 13

NOSSO PADROEIRO, SÃO TIAGO

Em 25 de julho, São Tiago celebra seu padroeiro, São Tiago Maior: o pescador, apóstolo, amigo de Cristo, irmão de João Evangelista e peregrino incansável em sua missão de evangelizar. Que não falte essa fé e a coragem de seguir nossos propósitos.



PREÂMBULO

ANESTESIAMENTO COLETIVO

Vivemos sob viciosa anestesia coletiva. Habituaamo-nos à ex-crescência do absurdo, do insólito que se tornou algo natural. Prosperidade de poucos, miséria de milhões. Um mundo de excessos, vícios de toda sorte, mormente de conteúdos triviais, o exacerbado consumismo, a manipulação das massas via mí-dias sociais, interfaces digitais. O notável pensador Henry David Thoreau (1817-1862) já em seu tempo, denominava o consumo de conteúdos irrelevantes e inúteis de "brain rot", comprometedores da saúde mental e do declínio intelectual, afetando, so-bremaneira, a cognição e o aprendizado. Passados dois séculos das observações de Thoreau – cujas ideias são hoje atualíssimas e respeitadas – a alienação coletiva foi elevada de forma geométrica, com consequências impensáveis.

Enchemo-nos hoje de informações anômalas, de massiva de-terioração mental. Um processo de retração da consciência, da personalidade, inibindo-nos a progressiva aptidão e amplitude de nosso intelecto. A cultura do artificial, do estatal, visual, sen-sorial, a subversão da ordem inata das coisas. A hegemonia ca-ricata, imposta à permanência histórica e representativa, onde procedimentos de grupos tradicionais são denegridos, hostili-zados. O total desprezo, por parte de muitos gestores públicos e de ditos empresários, para com a história, os interesses co-letivos, os destinos das próximas gerações. Valores, tradições, princípios éticos insofismáveis são relegados à condição de ul-trapassados, decrépitos.

Processo a ser revisto, não por quem o criou, o mantém, mas pelos insubmissos, os indignados. Como nos livrar dos astucio-sos bloqueios e armadilhas dos "donos da verdade", "donos do mundo"? Investimentos em nosso espaço vivencial, em nossos juízos, nosso modo de pensar, falar, gesticular, os conceitos ma-culados pelos cosméticos publicitários, pelos prontuários e re-ceituários enganosos, os mais capciosos enredos. Precisamos de referências inspiradoras, a essência pulcra, ante a despro-porcionalidade dos espaços ocupados por frivolidades, insani-dades ideológicas, lembrando-se ser impossível dialogar com quem se diz "certo", coberto por inflexíveis, ferruginosas tes-es dogmáticas. Somos alertados, a esse respeito, pelo sapien-te Apóstolo dos Gentios: não se conformar com este mundo, mas ser(mos) transformados pela renovação do entendimen-to" (Rm 12,2), para tanto "não participando de obras infrutífe-ras das trevas" (Ef 5,11).

O se manifestar, exercer o seu direito constitucional de se ex-primir, tornam-se arriscados, temerários. O risco de repressão, num mundo dominado por forças sombrias, encasteladas nos poderes político, jurídico, econômico, por vezes religioso. "Em tempos de engano universal, dizer a verdade é um ato revolu-cionário" (George Orwell).

Adivinhas/Charadas

- 1– O que é, o que é? O tijolo falou para o outro.
- 2– O que é, o que é? A minhoca falou para o minhoco.
- 3– O que é, o que é? Um ponteiro disse para o outro.
- 4– O que é, o que é? Cru não existe e cozido não se come.

Respostas: 1) Há um clímax entre nós; 2) Você mi-nhoca; 3) Encontro você ao meio-dia; 4) O sabão em barra

Provérbios e Adágios

- À raposa indolente não lhe cai a comida ao dente
- Ao pobre não prometas, ao rico não lhe faltes
- Todo cadeado tem seu segredo, toda chave seu preço
- Cavalo que beira curral, tá querendo serviço

Para refletir

- "Nem todos os dias serão bons, mas sempre haverá algo bom em cada dia."
- "O tempo ensina aquilo que a pressa insiste em não aprender."
- "A vida muda quando você decide mudar a forma de enxergá-la."
- "Errar faz parte do aprendizado; permanecer no erro é uma escolha."
- "O crescimento acontece quando saímos da zona de conforto."

UMA CIDADE AMERICANA NO MEIO DA AMAZÔNIA. DEU ERRADO.

1928. Henry Ford comprou 10.000 Km² da floresta amazônica no Pará para produzir borracha. Construiu uma cidade americana completa: casas com jardim, hospital, cinema, escola e restaurante servindo ham-búrguer. Os trabalhadores brasileiros se recusaram a comer o cardápio americano. Houve motim. As serin-gueiras morreram de praga. Ford perdeu 200 milhões de dólares. Em 1945, abandonou tudo. A cidade ainda existe. Meio consumida pela floresta.



Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Fernanda Cristina de Sousa
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

O papel interdimensional da Cooperativa

Fundar uma Cooperativa de Crédito requer coragem, sim. Mas junto a ela é preciso ter um sonho, um propósito, a vontade de democratizar o acesso a recursos financeiros como mola propulsora de resultados muito além dos monetários.

Daí podermos dizer que sempre vislumbramos horizontes interdimensionais, cenários mais amplos e versáteis. Afinal, muito além dos negócios, primamos por Justiça Financeira, prosperidade, geração de renda e emprego. Tudo para transmutar uma economia de subsistência em um ambiente de autossuficiência, autonomia e empreendedorismo.

Acredite ou não, é assim que impactamos a cidadania em suas múltiplas plataformas — econômicas, sociais, culturais, ocupacionais, ambientais, motivacionais — e motivamos, juntos, a soberania e a autoestima coletiva. É importante lembrar, ainda, que o Cooperativismo encontra espaço para atuar no resgate de tradições, no exercício da arte e na formação educacional e cultural (que, por sua vez, ressignifica saberes ancestrais e propaga fazeres a

novas gerações).

É um trabalho árduo e multidisciplinar que exige, obviamente, a excelência na gestão de recursos que sustentarão tais estruturas — algo que o Cooperativismo mineiro realiza com expertise e grande reconhecimento, sendo inclusive referência em governança, inovação e sustentabilidade. Não por outro motivo, nos são imprescindíveis valores e movimentos que culminem no aprimoramento de nossos colaboradores, na estruturação de ambientes produtivos saudáveis, na transparência ainda maior de nossos negócios.

Assim, de camada em camada, de passo em passo e dia após dia, nos fortalecemos como vetores de bem-estar, desenvolvimento plural e valorização do nosso meio — tudo isso refletido também em exitosas parcerias com entes públicos, instituições transformadoras, entidades que fazem a diferença e compartilham conosco o sonho de construir um futuro comum a partir de um presente cooperativista.

VOLTAR A SÃO TIAGO

por Marcus Santiago

Nesse pequeno rincão mineiro, eu nasci. Aí fui batizado, cresci, aprendi a viver e a ser gente. Foi naquele chão simples que fiz as melhores amizades, que encontrei rostos que até hoje habitam minha memória e que compartilhei dias que o tempo jamais conseguiu apagar.

Éramos muitos. Amigos, primos, parentes — quase todos da mesma idade. A vida era simples, mas nunca nos faltava o essencial. E, curiosamente, nem sentíamos falta. Havia sempre um jeito. Se alguém adoecia, vinha o chá, preparado com cuidado e fé. Se faltava algo em casa, corria-se ao vizinho — e nunca se voltava de mãos vazias. Era tudo partilha.

Às vezes era quitanda, frutas, verduras, legumes, às vezes a carne de porco recém-preparada, entregue de um quintal ao outro, por cima do muro mesmo, sem cerimônia. Porque não havia distância entre nós. Éramos todos de casa.

Fazer biscoitos, sair juntos, conversar ao entardecer... tudo tinha um valor imenso. Até assistir televisão era motivo de encontro. Quem tinha, abria as portas. E quem não tinha, chegava sem medo. Não importava o aperto, o espaço sempre cabia mais um. Era uma união bonita, daquelas que hoje parecem raras.

Mas o tempo, como sempre, seguiu seu caminho.

As condições da vida nos levaram embora. A cidade grande chamou — com suas promessas, suas necessidades, seus desafios. Fomos em busca de trabalho, de ajudar a família, de construir um futuro. Lá fora, faltava muito, mas a gente seguia. Aprendemos a sobreviver.

E, nas dificuldades, o pensamento sempre voltava. Voltava lá atrás... para São Tiago. Para o tempo em que estávamos juntos — pais, avós, irmãos, primos, amigos. Para os dias em que tudo era simples e, ainda assim, tudo dava certo. Porque havia cuidado, havia presença, havia amor.

Voltar... ah, como é bom voltar. Seja em dias de festa, seja quan-



do o coração aperta de saudade. Mas nem tudo é como antes. Há pessoas que já não encontramos mais. Algumas partiram para longe, outras foram morar junto de Deus.

E então a gente entende que o tempo passa, mas não leva tudo. Fica a memória. Fica a gratidão.

Fica o sentimento profundo de ter vivido em um lugar tão especial — simples, sim, mas cheio de vida, de união e de significado.

São Tiago não é apenas um lugar. É uma parte de nós que nunca vai embora.

E, mesmo que a vida siga por outros caminhos, sempre haverá um pedaço do nosso ser querendo voltar a São Tiago

TREZENA DE SANTO ANTÔNIO DA FAMÍLIA SAMPAIO

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

A Trezena de Santo Antônio celebrada atualmente na casa de D. Marta Caputo Leão é uma das mais antigas e significativas tradições de fé de São Tiago, preservada há gerações por uma mesma família. Sua origem remonta aos primórdios da povoação da cidade, quando existia uma grande residência na Rua Sampaio, pertencente ao Sr. Antônio de Pádua Sampaio. Naquela época, a rua era marcada pela presença de extensos bananais e rua de terra sem calçadas, uma paisagem muito diferente da que vemos hoje.

Homem de profunda devoção a Santo Antônio, Sr. Antônio fez uma promessa ao santo após o nascimento de vários filhos surdos e que não falavam. Rogou para que Deus lhe concedesse um filho sem deficiência e, segundo a família, sua prece foi atendida com o nascimento de Antônio Marçal Sampaio, que se destacaria pela inteligência e pela importante atuação na vida pública e política de São Tiago.

Em agradecimento pela graça alcançada, a Trezena de Santo Antônio passou a ser celebrada todos os anos com grande solenidade em casa, junto a família. Os festejos eram marcados pela abundância e pela generosidade. Carne de boi e de porcos eram preparados para alimentar os participantes, especialmente os mais pobres, numa demonstração concreta de caridade cristã. A devoção ao santo era tão forte que vários descendentes receberam os nomes Antônio, Antônia ou nomes inspirados na tradição antoniana.

A imagem de Santo Antônio, com mais de 300 anos de exis-

tência, tornou-se um grande símbolo dessa herança espiritual. Conta-se que o próprio Sr. Antônio, pouco antes de falecer, desejava que a devoção jamais fosse interrompida. Sua morte ocorreu no dia 13 de junho, Dia de Santo Antônio, logo após a conclusão da trezena. Seu desejo era que tanto a imagem quanto as orações passassem de geração em geração, mantendo viva a tradição familiar.

Ao longo dos anos, a responsabilidade pela celebração foi assumida por diferentes membros da família. Durante muito tempo, a trezena foi conduzida por D. Maria José Caputo, esposa de Antônio Marçal Sampaio. Posteriormente, a missão passou para a Sra. Alzira Sampaio Navarro, mais conhecida como D. Teco e, após seu falecimento, D. Marta Caputo Leão manifestou o desejo de dar continuidade à tradição, mesmo não sendo a filha mais velha, como determinava o costume familiar.

Assim, a histórica imagem de Santo Antônio retornou ao local onde originalmente era venerada nos tempos do Sr. Antônio de Pádua Sampaio, fortalecendo ainda mais o elo entre passado e presente.

Atualmente, a trezena continua reunindo em casa, familiares, amigos e devotos em momentos de oração, fé e confraternização, preservando uma das mais belas manifestações da religiosidade popular de São Tiago. Após as celebrações, a comunidade partilha um delicioso café com quitandas, caldos e comidas típicas juninas, mantendo viva a devoção ao santo, e também os laços de união, hospitalidade e memória.



FAMÍLIA DE ANTÔNIO DE PÁDUA SAMPAIO

Por Fernando de Castro Campos
Membro do IHGST

Antônio de Pádua Sampaio nasceu em 13 de junho de 1837 e faleceu em 13 de junho de 1908, completando exatamente 71 anos de idade. Ao longo de sua vida, constituiu família ao lado de Maria Delfina São Thiago, nascida em 1855 e falecida em 1920.

Entre os filhos conhecidos do casal, destaca-se Pedro de Pádua Sampaio, nascido em 26 de outubro de 1871, um dos primeiros descendentes registrados da família. Em seguida, nasceu Antônia de Pádua Sampaio, em 7 de abril de 1873.

Em 04 de agosto de 1875, veio ao mundo Melquíades de Pádua Sampaio. Alguns anos mais tarde, em 22 de setembro de 1881, nasceu outro filho que recebeu o nome de Antônio de Pádua Sampaio. Sua trajetória foi relativamente breve, encerrando-se em 26 de julho de 1919, aos 37 anos de idade.

O casal teve também Antônio Timóteo de Pádua, nascido em 24 de janeiro de 1885. Posteriormente, em 17 de dezembro de 1887, nasceu Antônio Marçal Sampaio, que mais tarde se casou com Maria José Caputo, contribuindo para a continuidade da linhagem familiar.



Fotografia do falecimento do Sr. Antônio de Pádua Sampaio-1908

Três anos depois, em 11 de junho de 1890, nasceu Antônia Maria de Pádua. Já em 09 de setembro de 1893, nasceu Antônia Antonina Sampaio, que faleceu em 13 de julho de 1968, alcançando quase 75 anos de idade.

Por fim, encontra-se registrada Antônia Antonieta de Pádua, nascida em 1894 e falecida em 22 de novembro de 1961.

A descendência de Antônio de Pádua Sampaio e Maria Delfina São Thiago constitui um importante ramo familiar, cuja história se estende por diversas gerações, preservando a memória e o legado de seus antepassados.

REFERÊNCIAS:

FAMILYSEARCH. Tree — Person/family GBG9-64B. FamilySearch. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/tree/person/details/GBG9-64B>. Acesso em: 08 jun. 2026.



Festas antigas de origem pastoril ligadas aos solstícios de inverno e verão, que mescladas ao catolicismo, gerariam no Brasil um incomparável fenômeno de massa, mobilização econômico-religiosa e de identidade nacional, as festas juninas (e julinas) estendendo-se até o mês de julho.

As antigas civilizações europeias realizavam festas específicas, os solstícios para celebrar a chegada do verão e ainda a entrada/retorno da primavera.

Tais festividades eram ligadas aos ciclos da natureza (estações do ano) sobretudo nos períodos de plantio e colheitas e aos elementos da natureza em especial fogo, terra e água.

“A primavera era bastante comemorada como reingresso da vida mais dinâmica, o rebrotar da natureza e das atividades após o inverno, este sempre de muita dificuldade, de luta pela sobrevivência e recolhimento” contextualiza o prof. Alberto Tsuyoshi Ikeda (USP), especialista e pesquisador de culturas populares.

Os grupos humanos de então (era pré crista) realizavam grandes festividades comunitárias dedicadas à natureza ou mesmo divindades agropastoris.

Rituais de congraçamento de partilha, de fartura, de fortalecimento dos elos familiares e coletivos e de gratidão pela colheita farta.

Segundo a prof. Lúcia Helena Vitali Rangel, autora da obra “Festas juninas: origens, tradições e história (PUC – SP)”, a origem das festas juninas remonta a rituais de fertilidade agrícola, não só da Europa, mas do Oriente Médio e norte da África em especial do Egito. Casais mitológicos como Afrodite e Adonis, Tamuz e Izta, Isis e Osiris representavam a fertilidade humana e extensivamente a evocação da colheita.

Esclarece ainda a Prof. Lúcia Helena “no hemisfério norte o Solstício de verão era o auge do período ritual e do trabalho agrícola coroado pela colheita”.

O cristianismo apropria-se dos rituais agrícolas.

Chamar os antigos rituais de “pagãos” ou expressão do paganismo é, todavia, postura discricionária, simplista, intolerante.

Tais festividades em suas ancestrais manifestações acabariam

se mesclando, se incorporando, se adaptando a hagiologia católica, por força da cristianização do Império Romano, recaindo em comemorações aos santos tradicionais como Santo Antonio, São João Batista, São Pedro e outros. Uma ressignificação das antigas e cíclicas práticas pastorais da antiguidade.

A igreja comemora, de há tempos, os santos juninos Santo Antonio (13), São João Batista (24) e São Pedro (29), celebrações igualmente ligadas aso conceitos de fartura, família, aglomerações solidárias, congraçamentos.

Festas eram, inicialmente, menores, restritas aos arraiais, quintais, famílias e pequenos grupos comunitários.

No Brasil, as festas juninas adquiriram um caráter vibrante de identidade pátria, com exaltação das raízes caipiras, suplantando o conceito religioso. Firmaram-se como tradição, ritual de alegria e festejos qual o seu conceito original milenar.

Ocorre, entre nós, uma coincidência de calendário. No inverno o solstício de inverno marca o período da colheita de importantes trabalhos agrícolas, congregando famílias e comunidade na evocação da abundância, envolvendo festividades, danças, músicas típicas da alma brasileira.

Atualmente, as festas perdem o caráter meramente religioso, tornando-se um impressionante instrumento psicológico-emocional de identidade ligada ao passado rural, ao simbolismo caipira em meio ao comércio e eventos (turismo, gastronomia, indumentárias típicas, coreografias, ornamentações etc.) adquirindo transformações impensáveis como grandes espetáculos como no nordeste a maneira da espetacularização do carnaval.

ALGUNS COMPONENTES DAS FESTAS JUNINAS:

Riquíssima culinária: paçoca, pamonha, bolo de fubá, canjica, curau, pé de moleque, vinhos.

Quadrilhas, cirandas

Indumentárias: camisas xadrez, chapéu palha

Bandeirinhas

Pirotecnia: rojões, bombas, fogos de artifício

O lado médico de JK

Por Francisco Reis Bastos, da Academia de Medicina e Academia municipalista de Letras

Muito já foi escrito a respeito de Juscelino Kubitschek pois definitivamente foi um grande presidente do Brasil.

Claro, ele cumpriu todas as metas que anunciou na campanha antes de ser eleito. Até superou.

E mais, cumpriu fazer “cinquenta anos em cinco!”

Um aspecto interessante da personalidade dele foi a capacidade de diagnóstico. É o lado médico que temos.

Como bom gestor ele sabia da importância de conhecer bem todas as nuances do problema para uma boa resposta e solução certa.

O bom médico também deve examinar bem seu paciente e as circunstâncias da doença.

Esse fino propósito capacita o bom diagnóstico e é meio caminho no resgate da saúde do paciente.

JK examinou, estudou e compreendeu bem as causas do subdesenvolvimento.

Ele entendeu bem, já naquela época, a pobreza, as doenças, o analfabetismo, a falta de infraestrutura e a desigualdade social do Brasil e da América Latina.

Escreveu uma carta ao presidente dos EEUU, D. Eisenhower solicitando o investimento necessário para corrigir esse atraso.

Era a Operação Pan-Americana (OPA)

proposta por JK em 1958, mais tarde copiada por Kennedy na “Aliança para o progresso”. Infelizmente essa “aliança não resultou em grande coisa.

O plano defendia que o combate ao subdesenvolvimento econômico na América Latina deveria ser feito com investimento de capital nacional e internacional. Foi uma oportunidade que os americanos perderam de liderar o desabrochar aqui no sul aquilo que fez na Europa com o plano Marshall.

Ninguém há de negar que JK era um bom médico na política ocidental e sabia fazer um diagnóstico e receitar boas soluções.

www.franciscoreisbastos.com.br

POVOADORES DE SÃO TIAGO – SÉCULOS XVIII– XIX

ANTONIO BARBOSA NUNES E QUITÉRIA FREIRE DOS SANTOS

Antonio Barbosa Nunes e Quitéria Freire dos Santos, casados aos 19-10-1762, foram moradores na Fazenda Congo Fino, aplicação de São Tiago, entre o final do século XVIII e inícios do século XIX. Antonio Barbosa Nunes era natural de Guaratinguetá (SP), filho de Maximiano Barbosa de Figueiredo e Tomásia de Andrade. D^a Quitéria Freire dos Santos era filha de Estevão Pereira dos Santos, natural de Santa Marinha do Douro, arcebispo de Braga, filho de ... Araújo e Ana Rodrigues e de D^a Maria da Anunciação Freire de Moraes, com 20 anos (1731), filha de Lourenço Correa de Moraes e de D^a Maria Freire de Godoy, naturais de Guarulhos¹, nm de Domingos Freire de Figueiredo² e Ana de Godoy Moreira.

D^a Quitéria Freire dos Santos ditou seu testamento a ... de setembro de 1817, falecendo posterior a 09-12-1819, nomeando como seus testamenteiros em 1^o lugar seu filho Manoel Barbosa Nunes, em 2^o lugar José Gomes Carneiro e em 3^o o Alferes Joaquim Rodrigues Pacheco.

Filhos do casal Antonio Barbosa Nunes e Quitéria Freire dos Santos:

1- Manoel Barbosa Nunes, batizado aos

02-02-1768 na capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra. Proprietário da Fazenda Água Limpa, aplicação da capela de São Tiago. Falecido aos 13-06-1841 no distrito de São Tiago, com testamento redigido/lavrado na vila de São João Del-Rei aos 17-01-1825. Nomeou como testamenteiros em 1^o lugar seu filho Francisco Barbosa Nunes, em 2^o Manoel Venâncio dos Santos e em 3^o João Claudino dos Santos. Solteiro, reconheceu quatro filhos naturais, a quem instituiu como seus herdeiros universais, a saber:

1.1. Francisco Barbosa Nunes, filho de Rosa Maria de Jesus, mulher parda e solteira.

1.2. Ana Apolônia Barbosa, filha de Francisca Maria Atanázia, crioula forra e solteira. Ana foi c/c Manoel Albino da Costa.

1.3. Senhorinha Maria Moreira Freire, filha de Constância Maria de Paiva, mulher branca, solteira. GANHOU de Manoel Barbosa Nunes a terça e uma casa em Bom Sucesso. Senhorinha foi c/c

José Inácio de Oliveira.

1.4. Carolina Maria Barbosa, irmã de Senhorinha, foi c/c José Marques Pereira.

II- Maria Barbosa, batizada aos 29-06-1766 na capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra. Casou aos 14-01-1788 com José da Costa Rios, natural de São Cristóvão de Refojos (família Carneiro e Costa Rios).

Manoel Barbosa Nunes determinou, em seu testamento, que “apartada a minha alma do corpo, será este velado em hábito de cor preta e sepultado na capela de minha aplicação de São Tiago, desta dita freguesia...”.

Dentre seus bens inventariados, deixou uma morada de casas terreas com fundos no valor de 120\$000. Seu monte-mór foi de 2:811\$674; dívidas apuradas 232\$449; Líquido 2:577\$225; Para cada herdeiro (rateio) 573\$905.

(Testamento e inventário de Manoel Barbosa Nunes – 1841 – Cx. 457 – IPHAN/SJDR).

NOTAS

(1) Maria Freire de Godoy era filha de Domingos Freire de Figueiredo, natural de Ponte de Lima, filho de Gonçalo Freire e Domingas de Figueiredo e de D^a Ana de Godoy Moreira, natural de Mogi das Cruzes, onde ela faleceu em 1726 com testamento, filha de Sebastião Fonseca Pinto e Leonor Jorge

D^a Maria Freire de Godoy foi c/c Lourenço Correa de Moraes, falecido em 1736, filho de João Martins Bonilha e Maria Correa de Moraes. Casal com 9 filhos, de acordo com o inventário de seu pai, João Martins Bonilha – 1743 (SL 7).

1. Zacharias de Godoy Moreira; 2. Rosa Freire de Godoy; 3. Licenciado João Correa de Moraes; 4. Ana das Neves; 5. Bento Correa de Moraes; 6. José Freire de Figueiredo; 7. Maria da Anunciação Freire de Moraes c/c Estevão Pereira dos Santos; 8. Leonor Jorge; 9. Gertrudes de Moraes

(2) Domingos Freire de Figueiredo (+ 1731) e Ana de Godoy Moreira, filha de Sebastião da Fonseca Pinto e Leonor Jorge (família Sebastião Fonseca Pinto), casaram-se aos 03-11-1679 em Mogi das Cruzes. D^a Ana de Godoy Moreira faleceu com testamento aos 25-03-1726, inventariada aos 10-12-1727. Filhos do casal: 2.1. Maria Freire de Godoy c/c Lourenço Correa de Moraes, com 9 filhos; 2.2. Leonor Jorge c/c Manoel de Lemos do Prado, 3 filhos; 2.3. Domingas Freire c/c Simão da Cunha Lobo, falecido em 1708, em 1^{as} nupcias, com uma filha e em 2^{as} nupcias, em Mogi das Cruzes, com Feliciano Cardoso;

2.4. Ana Moreira c/c Sargento Domingos Rodrigues Freire, 6 filhos; 2.5. Benta Freire c/c Aparicio de Cândia, 2 filhos.



Antônio Barbosa Nunes e Quitéria Freire dos Santos chegando à Fazenda Congo Fino por volta de 1780 – ILUSTRAÇÃO CRIADA POR IA

POVOADORES DE SÃO TIAGO – SÉCULOS XVIII– XIX

QUITÉRIA MARIA BARBOSA

D^a Quitéria Maria Barbosa, moradora do distrito de São Tiago, nascida por volta de 1761, falecendo aos 24-07-1842. Embora, em seu testamento, tenha indicado os srs. Antonio Ribeiro de Carvalho, Joaquim Gaudêncio de Souza e José Justino da Silva, como seus testamenteiros, desistentes estes, foi inventariada por sua filha Ana Maria da Silveira.

D^a Quitéria Maria Barbosa era filha legítima de Manoel Barbosa Prados e Euzébia Rodrigues da Silva e c/c Miguel Montes Soares. Solicitou, em testamento, fosse sepultada no adro da capela de São Tiago, o corpo envolto no hábito de Nossa Senhora das Dores e com o acompanhamento do capelão da capelanía (à época, Pe. José Mendes dos Santos). Discriminou/distribuiu seu pequeno patrimônio, legando à filha Ana Maria a “terça, em recompensa dos incômodos que tem tido comigo” e “ainda os trastes da casa”. Metade de sua casa doou a Joaquim Lourenço “em gratificação de alguns serviços que me tem prestado”. Seu testamento foi lavrado no arraial de São

Tiago aos 22-07-1842 (Livro de Testamentos n. 8 – 1842/1843).

Sua filha Ana Maria era c/c Manoel Soares, foram moradores no fogo 15, Quarteirão 2, distrito de São Tiago (Censo 1831), ele pardo, 50 anos, por profissão carreiro; ela com 40 anos, profissão costureira e os filhos Joaquim com 16 anos, jornaleiro e Venâncio com 15 anos, carreiro. D^a Quitéria Maria, então com 70 anos, já viúva, vivia em companhia do genro e da filha.



O arraial de São Tiago no início do século XIX – ILUSTRAÇÃO CRIADA POR IA

Dois pra lá, dois pra cá

IMAGEM: ANABOTAFOGOMAISSON.COM.BR

Por Fabio Antônio Caputo
Membro do IHGST



A cena e a circunstância são mais que conhecidas: os músicos param de tocar, o chefe da banda (o Flávio do Nhô, por exemplo) convida alguém da plateia para cantar (a Vanda do Jandir, por exemplo) e pronto, tome Bolero: “Besame Mucho”, “Solamente Una Vez” etc.

O Bolero, como gênero musical latino, surgiu em Cuba ao final do século XIX, sendo uma evolução da trova para uma proposta poética mais simples, folclórica e romântica. Em certo momento começou sua expansão rumo ao gosto musical da América Latina, Estados Unidos e Espanha. Por absurdo que pareça até o Vietnã adotou-o como seu gênero preferido, adaptando-o à cor local, o que ainda persiste até hoje de certa forma.

BÉSAME MUCHO

Bésame, básame mucho
Como si fuera esta noche la última vez
Bésame, básame mucho
Que tengo miedo a perderte, perderte después
Quiero tenerte muy cerca
Mirarme en tus ojos, verte junto a mí
Piensa que tal vez mañana
Yo ya estaré lejos, muy lejos de aquí
Bésame, básame mucho
Como si fuera esta noche la última vez
Bésame, básame mucho
Que tengo miedo a perderte, perderte después

dança folclórica, cujo maior exemplo é o “Bolero de Ravel”.

Entre os anos 30’s e 50’s o Bolero se popularizou no Brasil atingindo sua “Época de Ouro”, movimento que foi travado pelo fechamento dos cassinos por Eurico Dutra em 1946, a favor da moralidade e bons costumes. Os cassinos, que inclusive importavam artistas estrangeiros, era um centro propagador de peso para expandir a influência do gênero. Mesmo assim o Bolero adentrou nos anos 60’s ainda relevante, lado a lado com Bossa Nova e Jovem Guarda. Minhas tias, quando iam aos prestigiados Bailes na Sede Social Santiaguense e esta contratava importantes orquestras de fora, famosas na região, com certeza ficariam satisfeitas em ouvir música romântica italiana e Boleros. Até hoje, quando o homem do violão, ou os músicos contratados ou Magnatas do Som tocam Boleros, se é que ainda o fazem, muitos presentes com alguns aninhos a mais se reconhecerão e se sentirão acolhidos.

É fácil ouvir clássicos de Bolero. Mesmo nós, que fomos formados em variantes do rock e MPB, podemos usufruir melodicamente esses temas, com um mínimo de boa vontade, conhecimento musical e contexto, pois sem história não há compreensão e a tolerância natural que a vida exige.

Os Boleros mais famosos são: “Bésame Mucho”, “Historia De Um Amor”, “Solamente Una Vez”, “Sabor A Mi”, “La Barca”, “Contigo Aprendí”, “Quizás, Quizás, Quizás”, “El Reloj” etc. Os maiores cantores do gênero são: Armando Manzanero, Luchito Gatica, Agustim Lara, Trio Los Panchos, Luis Miguel etc.

As pessoas estão mais longevas, aumentando o seu tempo de vida com mais qualidade, capacidade, consciência e in-

dependência de um modo que anos atrás não seria concebível e não prognosticado.

Com certa frequência somos convidados para aniversários especiais de nossos conhecidos mais idosos, com todo o respeito, pois a palavra não ofende e sim quem a fala, com 75, 80 ou mais de idade. A trilha sonora do momento, que pode até ser a trilha sonora da vida comemorada, com certeza terá Boleros para lembrar e valorizar a trajetória, realizações e alegrias da caminhada do anfitrião da festa.

Inevitavelmente somos conduzidos a fazer comparações entre Bolero e Tango, visíveis os dois em nossas referências musicais. Bolero é música que gente normal dança, mesmo que mal; Tango parece algo especialmente preparado para atletas e dançarinos profissionais. Bolero vem em melodias aveludadas, suaves e envolventes que fazem os parceiros quase passear juntos. Se fosse cerveja seria aquela tal que desce redondo. O Tango é violento, um pouco selvagem disfarçado de técnica, repleto de arestas e quebras de direção no meio do ritmo entrecortado. Se fosse bebida seria um trago difícil de um destilado potente e rascante.

O Bolero caribenho e mexicano e o samba-canção brasileiro são próximos, parentes, dizem até que irmãos. O samba-canção é um subgênero metamorfoseado do samba tradicional que sofreu influência ou fez uma fusão com o Bolero,

CONTIGO APRENDI

Contigo aprendí
Que existen nuevas y mejores emociones
Contigo aprendí
A conocer un mundo nuevo de ilusiones
Aprendí
Que la semana tiene más de siete días
A hacer mayores mis contadas alegrías
Y a ser dichoso, yo contigo lo aprendí
Contigo aprendí
A ver la luz del otro lado de la luna
Contigo aprendí
Que tu presencia no la cambio por ninguna
Aprendí
Que puede un beso ser más dulce y más profundo
Que puedo irme mañana mismo de este mundo
Las cosas buenas ya contigo las viví
Y contigo aprendí
Que yo nací el día en que te conocí

tanto no sentimentalismo romântico munido de dor-de-cotovelo como no andamento mais lento. Criaram até uma alcinha especial para o híbrido, o sambolero. Era uma provocação depreciativa, mas tinha fundamento técnico. As maiores figuras desse estilo no Brasil foram Dolores Duran, Altemar Dutra, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Trio Irakitan, Dalva de Oliveira e Orlando Silva, entre outros. Para os maiores Boleros e sambas-canções brasileiros podem ser listados: “Sentimental Demais”, “Ninguém É De Ninguém”, “Caminhemos” e “A Noite Do Meu Bem”, “Vingança”, “Negue” etc.

Finalizando com humor, vale a pena lembrar o caso do médico clínico geral que pediu ao filho para preencher uma etiqueta colante destinada a identificar uma fita cassete que continha a música “Solamente Una Vez”. Dito e feito, o rapaz pegou a caneta ponta porosa e sapecou: “Só lamente uma vez!” Fato verídico!

MOINHO D'ÁGUA

Por Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

O moinho d'água também chamado de azenha, aproveita a força da água corrente para moer e triturar grãos e, em alguns casos, até gerar eletricidade.

O fluxo de água é represado em um canal comprido que se afunila na parte final. Nesse ponto, a água, sob pressão, desce por uma manilha e passa pela chamada "cintia" — estrutura responsável pelo estreitamento do canal —, caindo com força sobre um eixo giratório. Esse movimento aciona uma roda dotada de pás, que, por sua vez, faz girar uma engrenagem responsável por movimentar a pedra circular superior do moinho.

O sistema é composto por duas grandes pedras circulares, conhecidas como pedras-mó, termo derivado do latim mola. Uma delas permanece fixa na base, enquanto a outra gira sobre a inferior. À medida que os grãos vão sendo despejados gradualmente, a pedra superior os tritura, impulsionada pelo movimento do rodízio, acionado pela força da água.

O moinho exige conhecimento e cuidado em seu manuseio. É necessário observar seu ritmo correto de funcionamento: nem rápido demais, nem lento demais. Quando acabam os grãos a serem moídos, a água deve ser interrompida; caso contrário, o moinho continua girando sem carga, fazendo com que as pedras se desgastem desnecessariamente. Como dizem os conhecedores da zona rural, o moinho fica "baten-do pedra à toa".

As pedras precisam ser periodicamente picadas, ou seja, recebem pequenas batidas coordenadas com uma ferramenta chamada picão, formando sulcos em sua superfície. Esses sulcos facilitam a trituração dos grãos e mantêm a eficiência da moagem.

O moinho deve funcionar em um ambiente fechado, pois a presença de milho e outros cereais atrai muitos roedores.

Seu barulho é cadenciado e sonoro. Particularmente, gosto muito desse som e o considero até romântico, em meio ao

vento e ao correr da água. Trata-se de uma engrenagem simples, mas extremamente útil.

Nossos antepassados demonstraram grande inteligência ao desenvolver a "tecnologia do moinho". O fubá produzido nele possui características próprias de cor, textura e sabor, distinguindo-se daquele obtido em moinhos elétricos. Daí a valorização e a expressão popular: "fubá de moinho d'água".

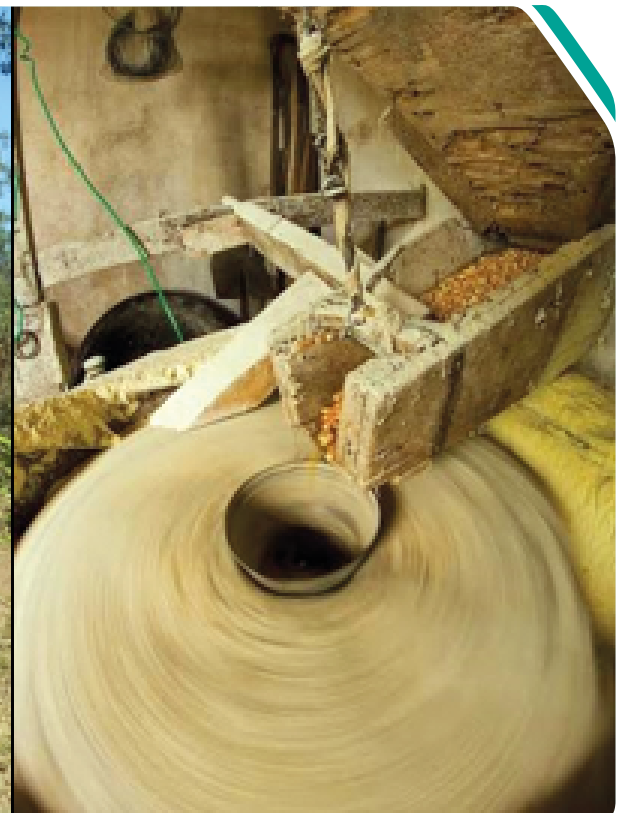
O moinho sempre foi um símbolo de sobrevivência. Segundo estudiosos, a farinha constituiu, durante séculos, a base da alimentação humana, e a pedra-mó, derivada do latim mola, representava a vida e o sustento diário. Por essa razão, a Lei de Moisés proibia que alguém tomasse a mó como penhor de um devedor, pois isso equivaleria a retirar o meio de subsistência de toda uma família (Deuteronômio 24, 6).

Sua origem remonta ao século II d.C., entre gregos e romanos do Mediterrâneo helenístico, difundindo-se posteriormente pela Europa. No Brasil, tornou-se um elemento marcante das paisagens rurais, especialmente na região Centro-Sul.

Em nosso município, ainda existem alguns exemplares em propriedades mais antigas. Alguns permanecem em funcionamento; outros encontram-se esquecidos ou abandonados; e há ainda aqueles preservados para ornamentação, visitação e para manter viva a história. Atualmente, existem poucos profissionais especializados na área, e a necessidade de acompanhamento constante para regulação dificulta o funcionamento dos moinhos ainda existentes.

Vale a pena conhecer essa verdadeira joia rara.

Nota: A palavra "cintia" é amplamente utilizada no meio rural, embora não conste nos dicionários da língua portuguesa, nem com grafia alternativa iniciada por "s". Trata-se de um prolongamento da manilha que promove um estreitamento controlado da passagem da água, semelhante a uma "cintura", aumentando sua pressão na saída. Geralmente é formada por quatro tábuas reguláveis e prensadas, sem utilização de pregos, permitindo ajustes constantes. É importante verificar regularmente se não há obstruções nesse ponto, como pedras, galhos ou acúmulo excessivo de areia, realizando os reajustes necessários para manter o bom funcionamento do moinho.



O Bar do Mundinho

Por Fabio Antônio Caputo
Membro do IHGST

Pouquíssimas pessoas saberão de quem realmente se trata ao ouvirem o nome Raimundo Ângelo Santiago. Outro tanto igual a essas pouquíssimas conhecerão algo a respeito do Bar São Tiago, quando, onde e qual o dono. Raimundo Ângelo Santiago é nada mais nada menos que o conhecido Mundinho, proprietário do bar, cidadão e personagem da cidade de São Tiago. Mundinho é uma pessoa singular por ser admiravelmente plural. Das inúmeras atividades das quais ele participou três chamam a atenção: carnavalesco de coração, sineiro com orgulho e dono de bar para nossas histórias. Carnavalesco e sineiro são assuntos de âmbito público e bem assimilados. Quanto a dono de bar, apesar de algo também conhecido, talvez mereça uma afetuosa atenção a mais, com um olhar de memória.

O Bar São Tiago encontrou no Bar do Mundinho seu alter ego, sendo por ele ultrapassado. Viveu duas existências, dois endereços em dois tempos bastante distintos. O primeiro, na esquina de Rua Viegas com Rua Francisco das Chagas, e a segunda, na Rua Sampaio, número 150, também endereço residencial do proprietário. Os registros públicos apontam que a empresa foi fundada em 28/11/1977 e baixada em 10/02/2004.

Foi na Rua Viegas que Mundinho e seu bar construíram a sua fama, e isso pode ser dito com uma naturalidade que faz jus à verdade. A área útil do ponto comercial era mínima, muito pequena, com absurdas três portas que facilitavam o acesso a nada. Retirando o balcão, ou fundo de bar, restava espaço para bem poucos bancos tamboretas. Talvez uma mesinha. Outras mesas e cadeiras na rua já deviam existir. Aqui se chega a um para-

doxo: o número de pessoas que podiam entrar era pequenininho e o número de pessoas que se diziam fregueses e frequentadores do local era enorme. A razão, todos que ali se encontravam arrumavam para se acomodar um canto em torno do bar em rodinhas em pé, encostados nas paredes ou sentados no meio fio usando o passeio como mesa para a cerveja, copos e algum tira-gosto esquecido pelo tempo.

Minha turma estava ali no final dos 70's até meados dos 80's. A nossa lembrança ratifica um sentido de camaradagem autêntico, uma alegria simples e desprestenciosa, marcante, difícil de esquecer e quase impossível de ver repetir. Nesse local realizamos uma comemoração de natal com amigo oculto, na rua, que muitos julgam ser uma das melhores de suas vidas.

Sabemos que os prognósticos de sucesso para um bar são complicados, voláteis e imprecisos. Dependem do endereço, do ambiente, da época, dos costumes e da freguesia. A falta de espaço era tanta que o Mundinho construiu a segunda versão à Rua Sampaio. Comparada à anterior era enorme, dois ambientes disponibilizando maior espaço e conforto. Teve seu momento, mas, sinceramente não foi especial, não significou a mesma experiência. Não se controla esse tipo de coisa.

Depois, o Boró assumiu o ponto comercial por muitos anos, até o seu falecimento. Sua esposa Cida, filha do Nogueira, continua comandando o local com uma força elogiável. É estranho, mas quando passamos de carro e olhamos de relance o imóvel sem movimento de fregueses e com as portas cerradas, ainda é o Bar do Mundinho.



TAPEÇARIAS EM SÃO TIAGO

Por Marcus Santiago

Antes mesmo de os tradicionais biscoitos de São Tiago se consolidarem como uma importante fonte de renda e geração de empregos para a população, outras atividades alternativas desempenharam papel fundamental na complementação da renda de muitas famílias. Em uma época em que havia poucas oportunidades de trabalho, algumas atividades artesanais contribuíram significativamente para a economia local.

Do final da década de 1980 até meados da década de 1990, duas tapeçarias oriundas da cidade de Resende Costa instalaram-se em São Tiago, oferecendo uma alternativa de renda para donas de casa e pessoas que, por diversos motivos, não tinham condições de trabalhar fora.

Uma delas era a Tapeçaria Sol Poente, a primeira a se instalar na cidade. Inicialmente, funcionava na Rua Francisco das Chagas, no Centro, em uma casa pertencente ao Sr. Geraldo Pedro Paiva (Ladinho). Posteriormente, transferiu-se para o Bairro Cerrado, instalando-se na esquina da Rua Henrique Pereira, em um cômodo comercial de propriedade do Sr. Nhozinho d'Aguada. Nela trabalhava Rosa Angélica, responsável pela coordenação da entrega dos materiais e pelo recebimento das peças finalizadas.

A outra era a Tapeçaria Casa Rosada, situada na região central da cidade, em um imóvel pertencente ao Sr. Joãozinho Lara, na Rua Carlos Pereira. A coordenação dos trabalhos ficava a cargo de Janete Silva.

Os proprietários das tapeçarias forneciam todo o material necessário para a produção, incluindo os tapetes de arraiolo, os moldes e as lãs. Inicialmente, os desenhos eram marcados nos tapetes e, em seguida, os espaços eram preenchidos com as lãs coloridas utilizadas na confecção das peças.

O trabalho era remunerado por produção, de acordo com a quantidade de peças confeccionadas, permitindo que muitas pessoas complementassem a renda familiar e contribuíssem para o sustento de seus lares.

Diversos moradores tornaram-se habilidosos na arte de produ-



zir tapetes, que eram comercializados para várias cidades do Brasil e até mesmo para o exterior. Além de muito bonitos, os tapetes possuíam elevado valor comercial e encontravam boa aceitação no mercado dos grandes centros urbanos. Era comum ver pessoas sentadas nas calçadas de suas casas, aproveitando os momentos livres para confeccionar as peças artesanais. Alguns trabalhos eram verdadeiras obras de arte, destacando-se especialmente os tapetes com a imagem da Santa Ceia, que muitas vezes eram posteriormente emoldurados para decoração.

Durante muitos anos, essa atividade desempenhou importante função social e econômica em São Tiago, garantindo renda mensal para diversas famílias, especialmente para trabalhadores autônomos e pessoas que encontravam na tapeçaria uma oportunidade de trabalho realizado no próprio lar. Além do aspecto econômico, a atividade também proporcionava momentos de convivência, lazer e descontração, quando familiares, amigos e vizinhos se reuniam para confeccionar os tapetes.

Embora pouco lembradas atualmente, essas tapeçarias marcaram uma importante fase da história econômica de São Tiago, garantindo renda para muitas famílias e deixando marcas afetivas que permanecem vivas na memória daqueles que testemunharam esse tempo.

1776 - 2026

250 Anos da Pedra Fundamental do Real Forte Príncipe da Beira: o monumento que consolidou as fronteiras do Brasil na Amazônia Ocidental

"O tempo é a matéria prima da qual é feita a História" (Barroso)
Lourismar Barroso

A data era 20 de junho de 1776 do nosso senhor Jesus Cristo quando em uma das regiões mais remotas da América Portuguesa, às margens do rio Guaporé, era lançada a pedra fundamental daquela que se tornaria a maior fortificação construída pelos portugueses fora da Europa: o Real Forte Príncipe da Beira. Passados hoje 250 anos desse acontecimento histórico, a fortaleza permanece como um dos mais expressivos símbolos da engenharia militar luso-brasileira e da consolidação territorial que deu forma ao Brasil contemporâneo.

CONFORME DEMONSTRA BARROSO (2015):

a construção do Real Forte Príncipe da Beira não pode ser compreendida como um acontecimento isolado ou exclusivamente militar. A fortificação integrou um amplo projeto político de ocupação territorial promovido pela Coroa Portuguesa na segunda metade do século XVIII, cujo objetivo principal era consolidar a presença lusitana na fronteira oeste da Capitania de Mato Grosso e garantir a efetividade das determinações estabelecidas pelo Tratado de Madri.

A construção dessa fortaleza representou muito mais do que uma obra militar. Tratava-se de uma afirmação geopolítica da Coroa Portuguesa diante das disputas fronteiriças com a Espanha, em uma época em que o controle dos territórios americanos dependia não apenas de tratados diplomáticos, mas também da ocupação efetiva das regiões contestadas.

Segundo o pesquisador e historiador Barroso (2015), que há mais de 26 anos tem se dedicado aos estudos, documentação e divulgação da história do Real Forte Príncipe da Beira, a fortificação constitui um dos maiores empreendimentos militares da América Portuguesa no século XVIII. Seus estudos contribuíram significativamente para ampliar o conhecimento sobre a origem, a construção e os personagens envolvidos na implantação da fortaleza, revelando aspectos pouco conhecidos da presença portuguesa na fronteira amazônica.

O CONTEXTO HISTÓRICO: OURO, FRONTEIRAS E SOBERANIA

A história do Real Forte Príncipe da Beira está diretamente relacionada às descobertas auríferas ocorridas no interior do Brasil entre os séculos XVII e XVIII. A descoberta de ouro por Antônio Rodrigues Arzão, em Minas Gerais, por volta de 1693, inaugurou um novo ciclo econômico na colônia. Posteriormente, Pascoal Moreira Cabral encontrou ouro no Coxipó-Mirim, em Mato Grosso, por volta de 1719; Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, identificou jazidas em Goiás por volta de 1725; e os irmãos Arthur e Paes de Barros, oriundos de Sorocaba, descobriram ouro na região do Guaporé em 1727.

SEGUNDO BARROSO (2015):

as descobertas auríferas ocorridas em Mato Grosso e no vale do Guaporé alteraram profundamente a percepção estratégica da Coroa Portuguesa em relação ao interior da América. A região deixou de ser vista apenas como espaço de exploração econômica e passou a ser considerada fundamental para a manutenção da soberania portuguesa diante do avanço espanhol.

Essas descobertas impulsionaram a ocupação do interior da América Portuguesa, tornando urgente a definição das fronteiras entre os domínios portugueses e espanhóis.

EM SUA DISSERTAÇÃO, BARROSO (2015) ARGUMENTA QUE:

o Real Forte Príncipe da Beira constituiu uma das mais impor-



tantes materializações do princípio jurídico do *uti possidetis*, uma vez que a ocupação efetiva da fronteira era condição indispensável para legitimar as pretensões territoriais portuguesas perante a Coroa Espanhola.

Nesse contexto surgiu o Tratado de Madri, firmado em 1750 entre Portugal e Espanha. O acordo substituiu as antigas linhas estabelecidas pelo Tratado de Tordesilhas e adotou o princípio do *uti possidetis*, segundo o qual a posse efetiva da terra legitimava a soberania sobre o território. Assim, tornou-se essencial ocupar e defender as regiões fronteiriças da Amazônia e do Centro-Oeste brasileiro.

O REINADO DE D. JOSÉ I E A VISÃO ESTRATÉGICA DO MARQUÊS DE POMBAL

O lançamento da pedra fundamental ocorreu durante o reinado de D. José I, cujo nome completo era José Francisco António Inácio Norberto Agostinho, nascido em Lisboa em 6 de junho de 1714 e rei de Portugal entre 1750 e 1777.

Seu governo foi profundamente influenciado pelas reformas conduzidas por seu secretário de Estado, Sebastião José de Carvalho e Melo, o célebre Marquês de Pombal, responsável por uma ampla modernização administrativa, econômica e social do Reino português.

D. José I ficou marcado também por sobreviver ao devastador Terremoto de Lisboa de 1º de novembro de 1755, que destruiu grande parte da capital portuguesa. Após o desastre, desenvolveu aversão a edificações de alvenaria, passando a viver em um complexo de tendas luxuosas no Alto da Ajuda.

Foi durante esse período de fortalecimento do Estado português que se consolidou a política de defesa das fronteiras americanas, culminando na construção de grandes fortificações, entre elas o Real Forte Príncipe da Beira.

LUIZ DE ALBUQUERQUE: O GOVERNADOR QUE TRANSFORMOU MATO GROSSO

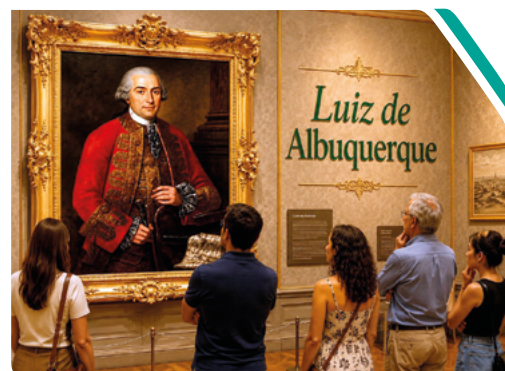
A execução do projeto coube ao 4º governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, nascido em Ladário, distrito de Viseu, Portugal, em 21 de outubro de 1739.

Ao assumir o governo da capitania em 1772, Luiz de Albuquerque implementou uma série de medidas administrativas consideradas inovadoras para a época. Organizou censos populacionais, promoveu melhorias sanitárias, fortaleceu a justiça, incentivou a agricultura e o comércio, abriu estradas e aperfeiçoou a navegação fluvial.

PARA BARROSO (2015):

a administração de Luiz de Albuquerque representou um marco no processo de territorialização da fronteira oeste. Seu governo articulou ações militares, administrativas e econômicas que possibilitaram a consolidação da presença portuguesa em uma região historicamente vulnerável às disputas internacionais.

Durante seus dezessete anos de governo, fundou povoações,



urbanizou Vila Bela da Santíssima Trindade, produziu levantamentos cartográficos e consolidou a ocupação portuguesa em uma vasta região estratégica. Sua maior realização foi justamente a construção do Real Forte Príncipe da Beira, concebido como um bastião avançado da soberania portuguesa.

O autor destaca que a construção do Real Forte Príncipe da Beira constitui a principal expressão material da política de fronteira implementada por Luiz de Albuquerque, tornando-se o símbolo mais visível da presença do Estado português no vale do Guaporé.

Ao falecer em 1797, deixou consolidada uma política territorial que contribuiu decisivamente para que o futuro Brasil mantivesse praticamente intactas suas fronteiras ocidentais.

DOMINGOS SAMBUCETTI E A ENGENHARIA DO FORTE

O responsável técnico pelo projeto foi o engenheiro militar italiano natural de Davagna, próximo a Gênova. Integrante dos quadros da engenharia militar portuguesa que atuou na Amazônia entre 1756 e 1777.

DE ACORDO COM BARROSO (2015):

Domingos Sambucetti destacou-se como um dos mais importantes engenheiros militares a serviço da Coroa Portuguesa na Amazônia setecentista. Sua experiência em levantamentos cartográficos, planejamento urbano e arquitetura militar foi fundamental para a execução de projetos estratégicos voltados à consolidação da ocupação portuguesa na região amazônica.



Sua vasta experiência já havia sido demonstrada em importantes projetos urbanísticos e militares no Norte da América Portuguesa. No Guaporé, recebeu a missão de conceber uma fortificação capaz de resistir a ataques e garantir o controle estratégico da fronteira.

Segundo Barroso (2015), Sambucetti desenvolveu várias plantas monumentais em formato quadrangular, com baluartes nos vértices e avançados sistemas defensivos inspirados nos princípios da engenharia militar europeia.

BARROSO (2015) DEMONSTRA QUE:

a escolha do local para implantação do forte resultou de criteriosa análise geográfica e militar, considerando fatores como navegabilidade, visibilidade defensiva, disponibilidade de recursos naturais e capacidade de controle dos fluxos de circulação no rio Guaporé.

Entretanto, durante os trabalhos de construção, o engenheiro contraiu malária e faleceu no próprio canteiro de obras, em setembro de 1777, sendo enterrado dentro da igreja de Nossa Senhora da Conceição. Sua morte provocou atrasos significativos na execução do projeto. A conclusão dos trabalhos ficou a cargo do engenheiro e capitão José Pinheiro de Lacerda, que finalizou a fortaleza em 4 de novembro de 1783.

A MAIOR FORTIFICAÇÃO PORTUGUESA FORA DA EUROPA

Ao longo de sua história, o Real Forte Príncipe da Beira tornou-se referência da arquitetura militar luso-brasileira. Comparado frequentemente à monumental Fortaleza de Nossa Senhora da Graça, localizada a cerca de 1 km a norte de Elvas, no Alentejo, Portugal. Integrando o conjunto classificado como Patrimônio Mundial pela UNESCO, o monumento destaca-se pelo seu sistema de defe-

sa formidável e por nunca ter sido conquistado, integrando o maior complexo fortificado abaluartado do mundo, o forte amazônico demonstra a capacidade técnica e logística alcançada pela engenharia portuguesa no século XVIII.

Se Elvas representa o auge da arquitetura militar portuguesa em território europeu, o Real Forte Príncipe da Beira simboliza a sua expressão máxima além-mar. Erguido em uma região isolada, cercada por florestas e rios, o empreendimento exigiu enorme mobilização de recursos humanos, materiais e conhecimentos técnicos.

A PESQUISA DE BARROSO (2015) EVIDENCIA QUE:

a monumentalidade da obra não decorre apenas de suas dimensões físicas, mas também da complexidade logística envolvida em sua execução. A obtenção de materiais construtivos, o transporte de equipamentos, a mobilização de trabalhadores e a adaptação às condições ambientais da Amazônia constituíram desafios permanentes ao longo do processo construtivo.

Por suas dimensões, complexidade construtiva e localização estratégica, o forte é reconhecido como a maior fortificação construída pelos portugueses fora da Europa, constituindo um dos mais importantes monumentos históricos da Amazônia brasileira.

O PRÍNCIPE QUE DEU NOME À FORTALEZA

A fortificação recebeu o nome de Príncipe da Beira em homenagem a D. José Francisco Xavier de Paula Domingos Antônio Agostinho Anastácio de Bragança, nascido em Lisboa em 21 de agosto de 1761.

Filho primogênito da futura rainha D. Maria I, D. José foi o primeiro herdeiro da monarquia portuguesa a receber oficialmente o título de Príncipe da Beira. Destinado a suceder sua mãe no trono, faleceu prematuramente vítima de varíola em 11 de setembro de 1788, aos 27 anos.

Sua morte alterou profundamente a sucessão portuguesa, levando seu irmão, o futuro D. João VI, a tornar-se herdeiro da Coroa.

UM LEGADO DE 250 ANOS

Duzentos e cinquenta anos após o lançamento de sua pedra fundamental, o Real Forte Príncipe da Beira permanece como testemunha silenciosa de um dos momentos decisivos da formação territorial brasileira.

Mais do que uma fortificação, representa a materialização de um projeto político, militar e civilizatório que garantiu a presença portuguesa na Amazônia Ocidental e ajudou a definir os contornos geográficos do Brasil.

As pesquisas desenvolvidas por Barroso (2015) reforçam a necessidade de preservar e valorizar esse patrimônio singular, cuja história reúne reis, governadores, engenheiros, militares, indígenas, escravos negros, trabalhadores e povos da fronteira em uma narrativa que transcende os limites regionais para integrar o patrimônio histórico nacional.

Conforme conclui Barroso (2015), o Real Forte Príncipe da Beira deve ser compreendido simultaneamente como monumento militar, instrumento político de ocupação territorial e patrimônio histórico da formação nacional brasileira. Sua existência testemunha os esforços da Coroa Portuguesa para consolidar sua presença na Amazônia Ocidental e evidencia a importância da fronteira do Guaporé na definição dos limites que, posteriormente, seriam incorporados ao território brasileiro. Assim, celebrar os 250 anos do lançamento de sua pedra fundamental significa reconhecer não apenas uma obra de engenharia militar, mas também um dos marcos fundamentais da construção histórica das fronteiras do Brasil.

REFERÊNCIAS

- BARROSO, Lourismar. **Real Forte Príncipe da Beira: ocupação oeste da Capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775-1783)**. 2015. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Porto Alegre, 2015.
- COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difel, 1985.
- MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- TEIXEIRA, Paulo Roberto Rodrigues. **Fortificações Portuguesas no Brasil**. Lisboa: Tribuna da História, 2004.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **História Geral do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

Marimbondos ou Maribondos

Por Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

As palavras marimbondo e maribondo, juntamente com vespa, são nomes utilizados para designar diversas espécies desses insetos. Todo cuidado com eles é pouco. Sua picada é muito dolorosa e pode ser perigosa para pessoas alérgicas ao veneno, podendo provocar até mesmo um choque anafilático. Em pessoas que não apresentam alergia, a ferroada costuma causar dor intensa, inchaço e vermelhidão no local. Diferentemente das abelhas, os marimbondos normalmente não deixam o ferrão na pele. Caso isso aconteça, não se deve apertar o local, mas apenas raspar delicadamente a região, lavar com água e sabão e procurar atendimento médico, se necessário.

Os marimbondos desempenham um papel fundamental no equilíbrio do ecossistema. Atuam como predadores naturais, alimentando-se de lagartas e moscas que atacam plantações, além de contribuírem para a polinização de diversas espécies de flores.

Nas residências, costumam ser atraídos por alimentos doces, restos de carne e lixo exposto. Constroem seus ninhos em locais protegidos, como frestas de paredes, telhados, caixas de energia, beirais de varandas e outros espaços abrigados. Algumas espécies fazem seus ninhos em árvores ou até mesmo no solo, utilizando barro, saliva e fibras vegetais mastigadas. Os ninhos apresentam diferentes formas e texturas, possuem paredes finas semelhantes ao papel e, em seu interior, diversos compartimentos destinados às diferentes fases de desenvolvimento da colônia.

São insetos de hábitos diurnos e tornam-se menos ativos durante a noite. Por esse motivo, quando houver necessidade de remoção, esse costuma ser o período mais seguro para a realização do trabalho, sempre mantendo distância e utilizando equipamentos de proteção, como luvas, óculos e roupas adequadas. Ainda assim, o procedimento deve ser realizado com extrema cautela e, preferencialmente, por profissionais capacitados.

É comum que crianças tentem atingir os ninhos com pedras ou varas, o que representa um grande perigo. Quando um marimbondo é ferido ou morto, ele libera uma substância química conhecida como feromônio de alarme, que alerta os demais indivíduos da colônia, provocando um ataque coletivo em defesa do ninho.

No Brasil, a destruição indiscriminada de ninhos pode configurar crime ambiental, conforme a Lei de Crimes Ambientais (Lei nº 9.605/1998), especialmente quando envolve espécies protegidas ou ocorre sem autorização dos órgãos competentes.

Para afastar os marimbondos, algumas pessoas utilizam repelentes naturais, como óleo de eucalipto, hortelã-pimenta, citronela, vinagre e fumaça. No entanto, quando houver risco à segurança das pessoas, o mais recomendado é acionar o Corpo de Bombeiros, pelo telefone 193, para uma retirada segura.

Existem centenas de espécies de marimbondos. Entre as mais conhecidas estão o marimbondo-oleiro, o marimbondo-preto, o mirim, o chumbinho, o carnicheiro, o amarelo, o cavalo, o tatu, o chapéu e o chamado cavalo-de-cão. Estima-se que existam cerca de 250 tipos catalogados no Brasil.

Os marimbondos podem ser divididos em dois grandes grupos: os solitários, que vivem sozinhos, e os sociais, que vivem em colônias organizadas. Cada grupo apresenta hábitos, comportamento e níveis de agressividade distintos.

Ao longo do tempo, surgiram diversas superstições relacio-



nadas a esses insetos. Há quem acredite que um ninho próximo à residência seja sinal de prosperidade, riqueza ou proteção contra energias negativas e pessoas mal-intencionadas. Independentemente dessas crenças, a orientação é sempre a mesma: não mexer no ninho, impedir que crianças o perturbem e procurar ajuda especializada quando houver necessidade de remoção.

Na fotografia, observa-se uma colônia que foi construída em aproximadamente dois meses. Os marimbondos permaneceram ali por um bom período, mas, com o aumento da movimentação de pessoas, abandonaram espontaneamente o ninho.

A estrutura impressiona pela organização e pela engenharia natural. Cada compartimento é construído com extrema precisão para atender às necessidades da colônia. Trata-se de uma verdadeira obra de arte da natureza, cuja sofisticação desperta a admiração de quem a observa. Mesmo após seis anos de abandono, o ninho permanece praticamente intacto, demonstrando a resistência desse extraordinário trabalho. Os antigos moradores eram marimbondos-carniceiros.

FATOS INTRIGANTES DA HISTÓRIA – INVASÕES MONGOIS AO TERRITÓRIO JAPONÊS

O imperador mongol Temudjin, mais conhecido como Ghêngis Khan, nascido por volta de 1167, conseguiu unificar as tribos nômades das estepes asiáticas, criando poderoso e vasto império, tendo conquistado Pequim em 1215. Seu neto Kublai Khan unificaria em 1279 toda a China, permitindo que as terras, sob domínio mongol (dinastia Yuan), se estendessem da península coreana ao Mar Negro e o centro da Europa, voltando, então, suas ambições para o Japão. Seus grandes e disciplinados exércitos não conseguiriam, contudo, ser bem sucedidos em dois lugares: o Vietnã, cujas tentativas de invasões se sucederam entre 1257 a 1288 e o Japão, com duas tentativas conhecidas – a batalha de Bun-ei (1274) e a batalha de Koan (1281), ocorridas na baía de Hakata, ilhas de Kyushu, Tsushima e Iki, sul do arquipélago japonês. Tratava-se, na prática, de enfrentamentos entre duas culturas totalmente diferentes.

Anterior às operações militares, o imperador mongol Kublai Khan enviava emissários ao Japão, exigindo sua rendição e que aceitasse a condição de província sob dominação mongol. O Japão, embora não tivesse experimentado antes uma invasão, só possível pelo mar, e não contasse com contingente suficiente para defender todas as suas ilhas, recusou todos os ultimatos ocorridos sucessivamente nos anos de 1266, 1268, 1271, 1274. O Japão administrado, à época, pela regência Shikken de Hojo Tokimune, contava apenas com os guerreiros samurais para defendê-lo, apegados a seus rígidos códigos de honra.

No dia 18 de novembro de 1274, a armada mongol atacou a ilha de Kyushu. Embora derrotados, os japoneses, que pouca experiência tinham de guerras com o uso largo de tropas, viram a frota inimiga enfrentar tempestades e tufões que aniquilaram 200 navios e cerca de 14.000 soldados. Os mongóis recuaram, tendo Kublai Khan ordenado, então, a construção de uma frota memorável e de um formidável exército, tido pelos mongóis como imbatível, composto em sua maioria de chineses e coreanos subjugados. Era uma frota de 4.000 navios e 150 mil homens que atacou a baía de Hakata em 1281. Dessa vez, todavia, os japoneses achavam-se melhor preparados, tendo edificado imensas fortificações de pedra ao longo da costa, e estabelecendo organizadamente suas tropas de defesa, conseguindo rechaçar os invasores que novamente, viram-se diante de portentosos tufões que destruíram considerável parte da frota mongol, levando consigo milhares de invasores à morte. Segundo historiadores, a frota mongol era composta por navios mal construídos, barcos mercantes aptos a navegar em águas fluviais do YangTsé e não em mares revoltosos do Japão e ainda por navios piratas.

O insucesso das ações mongóis seria atribuído a ações da natureza pe-



Esta obra de arte é conhecida como Mōko Shūrai Ekotoba, um rolo de pintura japonês que retrata as invasões mongóis do Japão no século XIII.

los atacantes (como justificativa da derrota) e ações divinas pelos japoneses vitoriosos, convictos de que os raios celestes protegiam gloriosamente o Império do Sol Nascente, como é conhecido o Japão.

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ARTES DE GUERRA MONGOL E JAPONÊSA

A poderosa máquina de guerra mongol era inicialmente sua hábil e ágil cavalaria, com soldados bem adestrados no uso do arco e da flecha, além de machados, espadas, dotados de capacetes e couraças muito resistentes. Atuavam no sistema de blitzkrieg, verdadeiras hordas douradas que atravessavam territórios, saqueando, violentando, escravizando, incendiando. Já na metade do século XIII, após contatos com reinos islâmicos e com a dinastia Song do sul da China, o exército mongol passa a compor-se de infantaria – tanto leve quanto a pesada – e com a utilização da pólvora, incluindo as famosas granadas Tetsuhau, que eram esferas repletas de pólvora, fragmentos de aço, lançadas por catapultas e cujos devastadores estilhaços, ao se fragmentar, perfuravam armaduras, corpos e objetos em derredor.

Quanto à arte de combater nipônica, que tinha nos guerreiros samurais seus maiores protagonistas e que atuavam como vassalos ou prestadores de serviços em troca de benefícios, permanecera, por cerca de seis séculos, sem enfrentar conflitos exteriores (o último fora no ano de 663 contra chineses). Assim, os guerreiros eram voltados para técnicas individuais, incluindo arquearia e etiquetaria, não dispoñdo os japoneses, igualmente, de infantaria leve ou pesada.

Segundo historiadores, as tentativas de invasão mongol foram, em princípio, uma guerra de amedrontamento, forçando o Japão a se render e a se tornar mais uma província vassala mongol. Com as arremetidas inimigas, os japoneses aprimoraram belicamente suas técnicas de fortificação da costa, bem como a arregimentação de combatentes não samurais, principalmente de camponeses, conhecidos como ashigaru (“soldados a pé”). A ação invasora mongol provocaria, internamente, revoltas de guerreiros e tensão entre os nobres, o que levaria o Japão a se desintegrar em rivalidades, atingindo-se período de total descentralização – Sengoku Jidai – dois séculos após.

Sugerimos, a respeito, o jogo “Ghost of Tsushima” Playstation 4, além de vasta bibliografia sobre o assunto encontrada em livros e na internet quanto aos intrincados combates entre mongóis e japoneses.

ABUSOS CONTRA O CIDADÃO

O cidadão brasileiro – seguramente espoliado e extorquido – se defronta, a cada dia, com mais situações absurdas:

A cobrança de honorários adicionais “por fora” por alguns médicos ou especialistas quando os pacientes com cobertura de procedimentos pelos planos de saúde demandam serviços cirúrgicos hospitalares.

Uma prática ilegal, abusiva segundo o Código de Defesa do Consumidor e normas da ANS – Agência Nacional de Saúde Suplementar, infração ética e penal.

A alegação de que certos materiais ou itens ou uso de equipamentos, diferenças de remunerações, ajuste de honorários, a adição de outros profissionais (ex.: anestesistas, instrumentistas) não estão acobertados ou são glosados pelo plano de saúde, cobranças de taxas de disponibilidade exigindo pagamento por fora são improcedentes, arbitrárias, ilícitas, cabendo denúncias ao(s) plano(s) de saúde, ANS, PROCON, CRM, Ministério Público.

Há exceções ou eventualidades no tocante à cobrança “por fora” caso o procedimento não estiver respaldado no Rol da ANS ou ainda o chamado upgrade de acomodação (se seu contrato é enfermagem e você escolheu apartamento)

Os grandes traumas são enfrentados por pacientes (ou familiares) portadores de planos de saúde no momento da cirurgia, ali tensos, impotentes, em situação de vulnerabilidade. Paciente praticamente à entrada do bloco cirúrgico, por vezes, já com alguma sedação, chega um profissional da área hospitalar ou cirúrgica, dizendo que certos procedimentos não são acobertados pelo plano de saúde (anestesia, instru-

mentistas e afins), solicitando complementação à parte.

O CDC, art. 51, reza que o consumidor não pode ser colocado em condição abusiva de desvantagem, com restrição de direitos e de ameaças leves e desproporcionalidade do equilíbrio contratual.

RN nº 496, de 30/03/2022 ANS, proíbe igualmente a exigência de depósitos, cauções e quaisquer outros títulos de crédito no ato ou anteriormente à prestação do serviço. Uma abusividade rechaçada pelo Código Penal, art. 135 – 17.

O Código Civil (art. 156) qualifica o estado ou situação objetiva de perigo “quando alguém premido da necessidade de salvar-se ou a pessoa de sua família, de grave dano conhecido pela outra parte, assume obrigação excessivamente onerosa”.

Paciente e/ou familiares fragilizados, isolados, na expectativa de uma cirurgia por vezes delicadas complexa e eis que vêm os chantagistas, aproveitadores da dor alheia, uma crueldade. Fato, decerto, de desconhecimento da administração do hospital

Exemplo:

Cidadão na antecâmara hospitalar (preparando-se para cirurgia de grande porte) com plano de saúde integral foi informado de que teria que pagar diferenças de honorários para anestesista. Foi salvo pela filha que o acompanhava e contactou o plano de saúde, sendo orientados a não pagar.

A façanha de, estando o paciente pelado, conseguem meter a mão no seu bolso. Eis até onde chega o prodígio do oportunismo humano e de certos profissionais!



O mito da meritocracia

Durante a maior parte do século XX, não houve músicos femininos na Orquestra Filarmônica de Nova Iorque. Nas décadas de 50 e 60, foram contratadas uma ou duas mulheres, mas, à parte disso, a proporção de mulheres permaneceu nula. Contudo, a partir dos anos setenta, algo mudou de repente e, o número de executantes femininas começou a subir exponencialmente.

O volume de negócios das orquestras é extremamente baixo. A composição de uma orquestra costuma ser bastante estática — cerca de uma centena de músicos — e as contratações costumam ser vitalícias. Além do mais, é raro um músico ser despedido. Daí que, quando a proporção de mulheres na Filarmônica de Nova Iorque aumentou de 0% para 10% numa década, todos se perguntaram o que se tinha passado.

O que se tinha passado era que as audições passaram a ser feitas às cegas. Instituídas no início dos anos 70, na sequência de um processo judicial, as audições às cegas são exatamente o que dizem ser: a comissão de contratação não consegue ver quem está a tocar na audição, porque existe um ecrã entre ela e o músico. Estes ecrãs tiveram um impacto imediato, pois, logo no início da década de 80 do século XX, as mulheres passaram a constituir 50% das novas contratações. Hoje em dia, a proporção de executantes femininas na Orquestra Filarmônica de Nova Iorque é superior a 45%. A simples instalação de um ecrã transformou o processo de audição da Filarmônica de Nova Iorque numa meritocracia.

Apesar de haver provas que sugerem que os Estados Unidos, como um todo, são menos meritocráticos do que outros países industrializados, é um facto que os americanos atribuem uma grande importância à meritocracia. Aliás, as estratégias de emprego e promoção ao longo das últimas décadas têm sido cada vez mais concebidas em função dessa mesma meritocracia. O problema é que há poucos indícios de que esta abordagem surta realmente efeito.

Na verdade, há fortes indícios de que não o faz. Um estudo de 248 análises de desempenho recolhidas junto de várias empresas tecnológicas sediadas nos EUA revelou que, ao invés do que se passa com os homens, as mulheres são alvo de críticas de personalidade negativas. As mulheres são apelidadas de prepotentes, cáusticas, estri-dentes, agressivas, emocionais e irracionais. De todos estes qualificativos, apenas o termo "agressivo" aparece nas críticas feitas aos homens, e por duas vezes com a indicação de que deveriam sê-lo ainda mais.

Lamentavelmente, vários estudos sobre bónus ou aumentos salariais relacionados com o desempenho descobriram que os homens brancos são recompensados a uma taxa mais elevada do que as mulheres e as minorias étnicas que apresentam o mesmo desempenho. Um estudo sobre uma empresa financeira chegou a revelar uma diferença de 25% entre



mulheres e homens nos bónus que premiavam o desempenho de tarefas iguais.

Uma análise de 14 milhões de avaliações no website RateMyProfessors.com revelou que as professoras são mais suscetíveis de serem apelidadas de "más", "duras", "injustas", "rigorosas" e "irritantes".

A análise que revelou que as mulheres são mais suscetíveis de serem "más" também descobriu que os professores do sexo masculino são mais frequentemente descritos como "brilhantes", "inteligentes" e "geniais". Será que estes homens possuem um talento maior do que as suas congéneres femininas, ou será que estes adjetivos não são tão neutros em termos de género como parecem?

Ao pensarmos num génio, existem mais hipóteses de pensarmos num homem, dado que todos nós temos preconceitos inconscientes. Eu, por exemplo, pensei em Einstein e no quadro que o mostra a deitar a língua de fora, e com o cabelo desalinhado. O que mostra que os professores do sexo masculino são, mercê de um preconceito sobre o brilhantismo, habitualmente considerados mais conhecedores, mais objetivos e mais talentosos. Aliás, o meio académico não consegue fornecer qualquer explicação lógica para que a progressão na carreira assente sobre este tipo de avaliações subjetivas.

O preconceito sobre o brilhantismo é, em grande parte, o resultado da lacuna de dados: há tantos génios femininos que foram proscritos da história que nos esqueçamos dos seus nomes. O resultado dessa lacuna leva a que, quando o "brilhantismo" é considerado um requisito para um dado emprego, o que acontece é que só os candidatos masculinos serão tidos em conta. Vários estudos descobriram que, quanto mais uma área for culturalmente vista como exigindo "brilhantismo" ou "talento bruto" das pessoas que nela trabalham — seja filosofia, matemática, física, composição musical, ou informática — menos mulheres haverá a estudar e a trabalhar nela. Não só não vemos as mulheres como sendo naturalmente brilhantes, como também parecemos ver a feminilidade como estando inversamente associada ao brilhantismo. Um estudo recente, no qual foram mostradas aos participantes fotos de professores de ciências masculinos e femininos em universidades de elite dos EUA, concluiu que o aspeto físico não tinha qualquer impacto na probabilidade de um homem ser visto como sendo cientista. No entanto, quando se tratava de mulheres, quanto mais estereotipadamente femininas elas pareciam, menos probabilidades tinham de que as pessoas as considerassem cientistas.



As escolas também estão a ensinar o preconceito sobre brilhantismo aos rapazes.

Porém, após décadas a pedir às crianças para desenharem um cientista, e a constatar que as crianças desenhavam, esmagadoramente, homens, um estudo recente revelou que estávamos, finalmente, a tornar-nos menos sexistas. Assim, se na década de 60 do século XX, apenas 1% das crianças desenhavam mulheres cientistas, atualmente há 28% que o fazem.

Isto é, obviamente, um progresso, mas encontra-se ainda muito longe da realidade. É que, no Reino Unido, o número de mulheres é efetivamente superior ao de homens numa enorme variedade de cursos de ciências.

Caroline Criado Perez
Invisible Women: Data Bias in a World Designed for Men
Abrams Press, 2019
(Tradução e adaptação)

SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS

Vicente José Mendes

Por Maria Elena Caputo de Castro
IHGST

Escrever sobre o são-tiaguense Sr. Vicente José Mendes é resgatar uma história ímpar, de um homem que viveu muito além de seu tempo: inteligente, simples, alegre, trabalhador, excelente pai e esposo, religioso, político, empreendedor.

Sr. Vicente Mendes nasceu em São Tiago no dia 12 de junho de 1910, filho de José Demetério Mendes e de D. Maria Trindade de Lucas. Era o único filho do casal, tendo 5 irmãs: Cecília, Valdemira, Nair, Sinhá e Maria Francisca. Foi casado por 63 anos com Maria Santiago Mendes "D. Naná", tendo 7 filhos: Irany, Hilton, Ivanir, Irimar, Ivani, Ildeu, Ivan.



set/83
Set./83

Sempre morou na praça principal, mas seu começo de vida foi com muita dificuldade. Recém-casado (10 dias) seu sogro João Pereira faleceu e com a herança de D. Naná, conseguiu comprar seu primeiro caminhão, na década de 30, para iniciar seus trabalhos. Ainda criança, sempre ajudou seu pai no manejo do armazém, onde iniciou seu espírito de empreendedor.

Começou com um Armazém pequeno e logo foi crescendo e ficando sortido de "quase tudo" – o famoso "Secos e molhados", vendia mantimentos, pregos, querosene, gasolina, frutas, miudezas e até "urnas", feitas pelo seu amigo Tinarinho.

Tinha muitos empregados, considerava-os como amigos de labores, dentre eles: João Pneu, Valdemar, José Geraldo (Zé Fininho), Tião Dimas, Coccoza, Antônio Rosa, Tonico da Belmira, Nilson Caputo, Zé Boaventura, Vavá, dentre outros. Os trabalhos eram diversificados (motoristas – ajudantes – balconistas etc.). Para os povoados e zona rural, tinha seus representantes nas compras de ovos e aves e estas eram levadas semanalmente para o Rio de Janeiro (com asfalto só depois de Juiz de Fora) e posteriormente para Belo Horizonte, onde eram vendidas nos grandes mercados trazendo de volta cargas cheias dos produtos para abastecer a cidade (arroz, gasolina etc., o açúcar era buscado em Campos). Tinha o sistema das "cadernetas" e no Armazém todos se abasteciam (classes mais abastardas, viúvas sem emprego, classe mais simples) tendo o mesmo carinho do Sr. Vicente.

Próximo ao natal, recolhia perus da zona rural e como a praça era um imenso gramado, "eles permaneciam soltos até serem levados para o abate", como relatou seu filho Irimar, já que a procura por estas aves era imensa, neste período, nos centros maiores. Seus caminhões também serviam de transporte para pessoas: carregavam doentes, mulheres, crianças, trabalhadores da zona rural, professoras, encomendas, bilhetes, pessoas a passeio, consultas, remédios, pessoal que cuidavam das estradas etc. Com a mesma disposição, Sr. Vicente orientava seus

funcionários que "encomenda até de uma agulha valia tanto para a pessoa como uma saca de polvilho", segundo seu filho.

Na década de 50, comprou sua primeira jardineira, as malas eram amarradas no teto, em cima, no tempo, levadas em uma escadinha e com ela fazia grandes viagens. Posteriormente próximo a 1960, adquiriu um ônibus novo (novidade – moderno – dirigido por Vavá, na maioria das vezes) e pode realizar as viagens com mais conforto e segurança.

Era extremamente religioso e amigo de Monsenhor. Colaborava em todos movimentos religiosos, fazendo muita caridade, doações, sempre ao lado de sua zelosa esposa (assíduo nas missas dominicais) e atento as "demandas" da paróquia.

Destacava-se também na política, tinha ótima oratória e amigos importantes (políticos regionais, deputados, prefeitos de cidades vizinhas, família Neves, etc.) e sempre os recebia em sua casa para fartos almoços e café com biscoito. Chegou a ser vereador por um mandato e nas épocas de eleições seus caminhões ficavam a disposição para busca de eleitores na zona rural e povoados, onde na cidade era oferecido um farto almoço para todos e o transporte de volta. Chegou a ter uma frota de uns 10 caminhões.

Em 1960, na Inauguração de Brasília, formou-se um grupo de amigos e foram de caminhão para as festividades. Meu tio Bento participou desta caravana, levaram 1 semana para chegar a Brasília parando no caminho para o preparo das refeições e voltaram satisfeitos por ver tanta beleza, modernismo e conhecer Juscelino Kubistchek pessoalmente. Fato inédito pela época.

Sr. Vicente gostava de rodas de conversa, contar casos, piadas e amava o futebol, tanto em São Tiago como em outras cidades. Após a Copa de 58, formava grupos e iam ao Maracanã assistir jogos, sempre guiados com zelo e orientação dele. Permaneciam juntos e no Estádio entravam todos unidos, de mãos dadas, para não se perderem no tumulto. Iam a Restaurantes, sempre com esta orientação: "Sempre juntos". Antes da viagem era uma semana com a turma para conversar os fatos do planejamento e quando voltavam se reuniam para lembrar os fatos ocorridos na viagem e darem boas risadas.

Em São Tiago, era torcedor assíduo do Tupinambás, inclusive o estádio tem o seu nome: "Estádio Vicente José Mendes". Não perdia nenhuma partida aos domingos e sempre acompanhado pelo seu amigo "Guili" cuidando de sua garrafa d'água para hidratação.

Apesar de ser muito safenado (cuidadoso e prevenido), tinha grande preocupação com a saúde. Ainda assim, veio a falecer em decorrência de problemas cardíacos, agravados pela diabetes e pela esclerose, que já comprometia sua memória e o reconhecimento das pessoas. Estava internado no Hospital São Vicente de Paulo, onde recebeu toda a assistência do médico são-tiaguense Carlito.

Faleceu em 9 de setembro de 1994, aos 84 anos de idade, deixando esposa, filhos, netos e um grande legado de homem simples, trabalhador, honesto e, sobretudo, um verdadeiro "amigo do povo".

(Informações repassadas por seu filho, Irimar, e sua nora, Marina)



250 anos da Independência dos Estados Unidos

Por Daniel Neves Silva
Professor de História

A Independência dos EUA foi anunciada no dia 4 de julho de 1776, no 2º Congresso Continental da Filadélfia. Os ingleses somente reconheceram a independência americana em 1783.

A Independência dos Estados Unidos foi declarada no dia 4 de julho de 1776 e colocou fim ao vínculo colonial que existia entre as Treze Colônias (nome pelo qual a região era conhecida nesse período) e a Inglaterra. Com essa conquista, os Estados Unidos transformaram-se na primeira nação do continente americano a ter sua independência.

A nova nação que surgiu foi construída em um modelo republicano e federalista e inspirada pelos ideais iluministas que defendiam as liberdades individuais e o livre comércio, por exemplo. De toda forma, a Independência dos EUA foi encabeçada pela elite colonial, insatisfeita com a forma como a Inglaterra tratava os colonos.

A Independência dos EUA e o modelo de nação desenvolvido pelos norte-americanos no século XVIII serviram de inspiração para outras nações do continente americano. A República instaurada no Brasil, a partir de 1889, por exemplo, inspirou-se claramente no modelo norte-americano.

CAUSAS DA INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

A Independência dos EUA foi resultado direto da divergência de interesses que existia entre a metrópole (Inglaterra) e as Treze Colônias. Na segunda metade do século XVIII, a política da Inglaterra em relação às Treze Colônias alterou-se drasticamente, e isso desagradou aos colonos, motivando-os a rebelarem-se contra a Inglaterra.

O primeiro ponto relevante a ser abordado é que, durante o século XVII, a Inglaterra havia deixado de ser uma monarquia absolutista, tornando-se uma monarquia parlamentar constitucionalista, na qual a burguesia, por meio do Parlamento, controlava o país. Com o advento da Revolução Industrial, essa burguesia tinha interesse na expansão da indústria e por isso buscava novas fontes de matérias-primas e novos mercados consumidores.

As colônias da Inglaterra, naturalmente, foram enxergadas como "fontes para alimentar o processo industrial inglês", conforme definiu o historiador Leandro Karnal.¹ Além disso, ao longo do século XVIII, a Inglaterra envolveu-se em uma série de conflitos que aumentaram o peso dos impostos para os colonos.

Ao longo do século XVIII, a Inglaterra envolveu-se nas seguintes guerras: Guerra da Liga de Augsburgo, Guerra da Secessão Espanhola, Guerra da "Orelha de Jenkins", Guerra do Rei Jorge, Guerra Franco-Índia e Guerra dos Sete Anos. A soma desses conflitos, para a Inglaterra, foi positiva, pois esses contribuíram para enfraquecer a França na América e aumentaram as posses territoriais dos ingleses.

Com a ocorrência de tantas guerras, a Inglaterra optou por

manter um exército permanente nas Treze Colônias, o que representava um custo de 400 mil libras anuais para os colonos.² Isso aumentou o impacto financeiro para esse últimos, criando um desgaste na relação. Esse desgaste foi ampliado quando o rei Jorge III proibiu os colonos de ocuparem as novas terras conquistadas que ficavam entre os Montes Apalaches e o Rio Mississippi. A medida do rei visava impedir que novos conflitos de colonos com indígenas acontecessem.

A reação entre colônia e metrópole realmente começou a ficar ruim quando a política da Coroa inglesa, em relação a suas colônias, modificou-se. Até então, a colonização inglesa tinha sido pautada pela autonomia das Treze Colônias e pela pouca interferência da Coroa nos assuntos internos. Karnal estabelece que o ano de 1763 é o ponto de partida para a modificação dessa postura.³

Essa transformação da política inglesa em relação às Treze Colônias (mediante todo o cenário apresentado de necessidade de expansão industrial e aumento de gastos com as guerras e com as tropas permanentes) concretizou-se, basicamente, em aumentos de impostos. A partir da década de 1760, uma série de leis foi decretada, pela Inglaterra, com o objetivo de aumentar a arrecadação das Treze Colônias.

Dentre essa série, podem ser destacadas:

- Lei do Açúcar: aumentava os impostos sobre o açúcar e outros artigos, como vinho, café e seda;
- Lei da Moeda: proibia a emissão de papéis de crédito nas Treze Colônias;
- Lei do Selo: estipulava que em publicações como contratos, jornais e documentos públicos, em geral, deveria constar um selo que era pago à Coroa;
- Lei da Hospedagem: determinava que os colonos deveriam abrigar os soldados enviados pela Coroa.
- Atos Townshend: aumentava impostos sobre vidros, corantes e chá.

O impacto da maioria dessas leis sobre os colonos foi grande e gerou muita insatisfação. Muitos colonos começaram a boicotar as mercadorias inglesas, e protestos aconteciam em diferentes partes das Treze Colônias. Algumas leis, como a Lei do Selo, precisaram ser revogadas, tamanha insatisfação que causaram.

O estopim para a revolta geral dos colonos aconteceu quando os ingleses decretaram a Lei do Chá, que determinava que o chá nas Treze Colônias somente seria vendido pela Companhia das Índias Orientais. A insatisfação com a lei levou 150 colonos, disfarçados de índios, a invadirem o porto de Boston durante a madrugada, atacarem três navios e jogarem ao mar 340 caixas de chá.⁴ Esse acontecimento ficou conhecido como Festa do Chá de Boston.



A Festa do Chá de Boston foi uma demonstração da insatisfação dos colonos com a metrópole.

A rebeldia dos colonos resultou em medidas duras decretadas pela Inglaterra. As medidas determinadas pela Coroa ficaram conhecidas como Leis Intoleráveis. Entre as medidas das Leis Intoleráveis, estão as seguintes:

- O porto de Boston foi fechado até que os prejuízos fossem ressarcidos.
- O direito de reuniões foi suspenso.
- A colônia de Massachusetts foi ocupada por tropas britânicas.
- Os colonos foram obrigados a abrigar e alimentar as tropas inglesas que dominaram a região.

Revolução Americana

CAUSAS

- AUMENTO DO CONTROLE COLONIAL
- REVOLUÇÃO INDUSTRIAL
- GUERRA DOS SETE ANOS
- NOVOS IMPOSTOS

- 1- LEI DO AÇÚCAR
- 2- LEI DA MOEDA
- 3- LEI DA HOSPEDAGEM
- 4- LEI DO SELO
- 5- ATOS TOWNSHEND
- 6- LEI DO CHÁ → FESTA DO CHÁ DE BOSTON

- LEIS INTOLERÁVEIS
- 1- INTERDIÇÃO DO PORTO DE BOSTON
- 2- MASS FOI OCUPADA POR TROPAS REAIS
- 3- REUNIÕES FORAM PROIBIDAS



GUERRA DE INDEPENDÊNCIA

- BARRIO FRANCÊS NOS COLONOS
- BATALHA FINAL TRAVADA EM TONKATOWN (1781)
- INDEPENDÊNCIA RECONHECIDA PELO TRATADO DE PARIS (1783)

MODELO AMERICANO

- REPÚBLICA PRESIDENCIALISTA
- FEDERALISMO
- GARANTIA DAS LIBERDADES INDIVIDUAIS
- ELEIÇÃO DE GEORGE WASHINGTON COMO 1º PRESIDENTE



- ESTOPIM PARA A REVOLTA DOS COLONOS
- I CONGRESSO CONTINENTAL DA FILADÉLFIA
- II CONGRESSO CONTINENTAL DA FILADÉLFIA
- EMISSÃO DA DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA



Mapa Mental: Revolução Americana



As medidas deixaram claro para os colonos que havia uma grande divergência de interesses entre colônia e metrópole. Assim, os colonos, que até então eram reticentes quanto à possibilidade de separação, começaram a cogitar a independência. Essa ideia ainda era muito tímida, e isso ficou claro quando foi organizado o Primeiro Congresso Continental da Filadélfia.

Nesse congresso, os representantes das Treze Colônias (exceto da Geórgia) reuniram-se para redigir um documento ao rei inglês declarando sua lealdade, mas protestando contra as medidas determinadas pelas Leis Intoleráveis. A reação do rei, no entanto, motivou mais insatisfação, pois foi determinado que o número de soldados na colônia aumentasse. Com essa medida, os primeiros conflitos armados entre colonos e tropas inglesas aconteceram.

DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

Em seguida, foi realizado o Segundo Congresso Continental da Filadélfia que, dessa vez, contou com representantes de todas as colônias. Nesse congresso, os colonos chegaram à conclusão



Local no qual foi realizado o Segundo Congresso Continental da Filadélfia.

de que não era mais possível manterem-se sob o domínio colonial inglês, uma vez que consideravam que as ações da metrópole eram um desrespeito aos interesses dos colonos. Desse congresso, elaborou-se a Declaração de Independência dos Estados Unidos, publicada no dia 4 de julho de 1776.

Os colonos, reunidos no congresso, estabeleceram 27 causas que explicam a Declaração de Independência, e os motivos pelos quais os colonos entendiam a situação são resumidos por Leandro Karnal: [...] as leis mercantilistas, as guerras que prejudicavam os interesses dos colonos, a existência de tropas inglesas que os colonos deviam sustentar etc. A paciência dos colonos, sua calma e ponderação são destacadas em oposição à posição intransigente e autoritária do rei da Inglaterra, no caso, Jorge III.⁵

A Declaração de Independência dos Estados Unidos foi escrita por Thomas Jefferson. Com a independência, foi iniciada a Guerra de Independência, na qual os colonos lutaram, durante cinco anos, contra as tropas inglesas.

GUERRA DE INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

A Guerra da Independência dos Estados Unidos estendeu-se durante cinco anos. Os colonos defenderam sua independência por meio do Exército Continental, força criada logo após a declaração. Após o rompimento com a colônia, desenvolveu-se nos Estados Unidos um dispositivo legal que permitia aos cidadãos armarem-se. Essa ideia fez com que o porte de armas nos Estados Unidos fosse incluído na Constituição do país.

Os ingleses enviaram uma série de comandantes importantes para liderarem suas tropas na América. Além disso, contaram com muitos colonos traidores que lhes forneceram informações importantes. Os colonos, por sua vez, uniram-se contra os ingleses motivados, principalmente, pela violência com que eram tratados durante a guerra.

Nisso, franceses e espanhóis entraram no conflito fornecendo apoio vital aos americanos. Os dois primeiros tinham interesses em enfraquecer os ingleses no continente americano e viram, no apoio à Independência dos Estados Unidos, uma forma de atingi-los. A vitória final dos colonos americanos aconteceu após a Batalha de Yorktown, que correu em 19 de outubro de 1781. Os

ingleses reconheceram a Independência dos EUA, com a assinatura do Tratado de Paris, em 1783.

POR QUE A FRANÇA AJUDOU NA INDEPENDÊNCIA DOS EUA?

O envolvimento francês na Guerra de Independência dos Estados Unidos aconteceu porque os franceses tinham o interesse em enfraquecer os britânicos na América. Lembrando que, durante o século XVIII, as duas nações haviam entrado em combate durante a Guerra dos Sete Anos, na qual os franceses, derrotados, foram obrigados a ceder uma série de territórios.

A Guerra de Independência dos EUA era vista pelos franceses também como uma possibilidade de recuperarem tais territórios perdidos. Com a derrota, os ingleses foram obrigados a devolver Senegal, algumas ilhas no Atlântico e algumas terras na América, para os franceses.

Os espanhóis, que também lutaram ao lado dos colonos, receberam de volta Minorca, uma ilha no Mediterrâneo, e territórios na Flórida.

CONSEQUÊNCIAS DA INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

A Independência dos Estados Unidos também é conhecida como Revolução Americana. Desse processo, as principais consequências que podem ser destacadas são:

- Consolidação dos Estados Unidos enquanto nação independente.
- Os ideais iluministas defendidos pelos americanos inspiraram movimentos de independência em outras partes da América, inclusive no Brasil.
- Republicanismo consolidou-se como alternativa política. No século XIX, as colônias espanholas, por exemplo, converteram-se em repúblicas, após conquistarem suas independências.
- Declínio do domínio colonial da Inglaterra na América continental.
- França e Espanha recuperaram parte de seus territórios na América, após a derrota inglesa na guerra;
- Deu-se início ao processo de expansão territorial dos EUA, após a Inglaterra ceder as terras entre os Montes Apalaches e o Rio Mississippi.

Fontes

KARNAL, Leandro (org.) História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2008.

LONGLEY, Robert. Brief History of Declaration of Independence. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/declaration-of-independence-brief-history-3320098>.

HICKMAN, Kennedy. An Introduction to the American Revolutionary War. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/american-revolution-101-2360660>.

Notas

[1] KARNAL, Leandro. A Formação da Nação. In.: KARNAL, Leandro (org.). História dos Estados Unidos. São Paulo: Contexto, 2008, p. 75.

[2] Idem, p. 75.

[3] Idem, p. 76.

[4] Idem, p. 79.

[5] Idem, p. 88.



1756- 2026

270 ANOS DO MARTÍRIO DE SEPÉ TIARAJU

O célebre líder e herói indígena Sepé Tiaraju, nascido por volta de 1723, foi morto em combate, aos 07 de Fevereiro de 1756, às margens do Rio Vacacai, região onde hoje se situa o município de São Gabriel, no Rio Grande do Sul, durante a chamada “Guerra Guaranítica” entre as tropas luso-espanholas e indígenas. Homem de fibra, coragem, amor vivo à terra e de solidariedade aos nativos perseguidos, Sepé Tiaraju liderou os povos guaranis em movimento de resistência contra as tropas portuguesas e espanholas que ocuparam os territórios das Missões. Segundo versões, seria/fora aprisionado, torturado e assassinado pelo próprio governador José Joaquim de Viana, fato ocorrido três dias antes da famosa bata-



lha de Caiboté, onde os guaranis, liderados por Nicolau Neenguiru, foram derrotados e massacrados.

Famoso pela frase “Esta terra tem dono”, tornando-se Sepé Tiaraju uma figura mista de herói, mito e santo popular, a data de sua morte – 07 de Fevereiro – é celebrada como “Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas”. Sepé Tiaraju tem seu nome inscrito no Panteão da Liberdade e da Democracia nos termos da Lei Federal n. 12032/2009. Reconhecido ainda como “Herói Guaraní-Missioneiro Rio-grandense” pela Lei Estadual n. 12.366, que instituiu o dia 07 de Fevereiro como luto oficial. Homenageado, ademais, pelo seu heroísmo e coragem com a denominação da Rodovia RS-344, contando ainda o município gaúcho São Sepé com seu nome.

Ao ensejo dos 270 anos de seu assassinato, e martírio “usque ad sanguinem”, Sepé teve/tem sua santidade garantida graças aos esforços de D. Gilio, bispo negro de Bagé., defensor da causa dos povos originários e negros.



Em artigo recentemente publicado na imprensa nacional sob o título “Missões 400 Anos e a Igreja nem tá aí”, o Frei Luis Carlos Susin levanta a questão do ostracismo, inclusive pela Igreja, a que foram relegados os povos guaranis, remanescentes/descendentes das Missões Jesuíticas, após sua destruição pelos colonizadores portugueses e espanhóis. “Órfãos da Igreja” no dizer do cantor missioneiro Pedro Ortaça (1942-2026), recentemente falecido, uma dorida indagação histórica à Igreja que fez coro ou silêncio, durante tempos, ao colonialismo luso-espanhol.

A inexistência e omissão da Igreja formada após a destruição das Missões por um clero esmagadoramente branco, com o sotaque das migrações europeias, que não sequenciou o projeto catequético jesuítico-missioneiro – “bispos adormecidos”, aponta Frei Susin – num Estado que viria a marginalizar os guaranis – “estranhos em sua própria terra”, vistos pelos luso-açorianos e depois os migrantes alemães, italianos, poloneses e outros como “incômodos” “perigosos”, portan-

to descartáveis. Vítimas expiatórias, assim como os negros escravizados, destituídos de seus direitos humanos e civis, sobrecarregados de acusações, preconceitos e miséria pelos novos donos brancos do território. Estes, indígenas e negros, invisíveis, hostilizados “não tiveram projetos políticos e sociais e nem mesmo religiosos”. Projetos apenas para os colonizadores...

Afinal, os guaranis eram tão cristãos quanto os lusos, espanhóis, migrantes poloneses, alemães, italianos, ucranianos, negando-se-lhes o papel histórico, cívico e consciencial na formação sulina – a porta fechada para a multidão dos “filhos de Sepé”

O texto de Frei. Susin é incisivo. A luta para se “humanizar o Rio Grande, sacudir a indiferença dos migrantes para com os outros povos originários e filhos de escravizados e superar o dualismo que marca a história áspera do Rio Grande das duas metades: dos ximangos e maragatos”.

SÃO TIAGO: 77 ANOS DE AUTONOMIA POLÍTICA E MAIS DE TRÊS SÉCULOS DE HISTÓRIA

Por Marcus Santiago

Neste mês de julho, em que São Tiago celebra seus 77 anos de emancipação político-administrativa, o município renova o orgulho de sua história e homenageia as gerações que transformaram um pequeno arraial do interior mineiro em uma cidade reconhecida nacionalmente por sua hospitalidade, sua força produtiva e uma tradição que lhe conferiu um título carinhoso e singular: “a Terra do Café com Biscoito”.

Muito antes da criação do município, as terras onde hoje se encontra São Tiago já despertavam o interesse dos primeiros exploradores que percorriam o interior de Minas Gerais durante o ciclo do ouro. Os registros históricos e a tradição oral indicam que, por volta de 1708, bandeirantes encontraram vestígios do precioso metal nas regiões conhecidas como Gamelas e Vargem Alegre. Foi esse movimento que deu início à ocupação do território.

A mineração, entretanto, teve vida curta. Quando o ouro perdeu sua força econômica na região, fiscadores, mineradores e aventureiros seguiram destinos diferentes: alguns partiram para outras paragens, enquanto outros permaneceram na comunidade nascente, contribuindo para a formação da população local. Com o declínio da atividade mineradora na região, os moradores encontraram na terra um novo caminho para prosperar. A agricultura de subsistência e, muitos anos depois, a pecuária passaram a sustentar as famílias, lançando as bases da vocação rural que ainda hoje caracteriza o município.

Outro momento decisivo ocorreu em 1761, quando foi autorizada a construção da primeira capela pública em honra ao Apóstolo Senhor São Tiago Maior e a Senhora Sant’Ana. A fé fortaleceu a comunidade, consolidou o arraial e contribuiu para a formação de uma identidade religiosa, cultural e social que atravessaria gerações e permaneceria como um dos principais alicerces da história do município.

Ao longo do século XIX, São Tiago ampliou sua atividade econômica. Documentos históricos registram a produção de milho, cana-de-açúcar, algodão, fumo e a criação de gado. A fabricação de rapadura e aguardente movimentava a economia local, enquanto os produtos agrícolas eram comercializados com municípios vizinhos. Mais tarde, a exploração mineral na região do atual distrito de Mercês de Água Limpa (Capelinha) também contribuiu para diversificar as atividades econômicas, embora a agropecuária continuasse sendo o principal alicerce do desenvolvimento local.

Jurisdicionalmente, São Tiago pertenceu, inicialmente, ao termo da Vila de São José del-Rei, atual Tiradentes, e, posteriormente, tornou-se distrito de Bom Sucesso. No âmbito eclesástico, como igreja filial, esteve vinculada à antiga Paróquia Nossa Senhora da Penha de França da Laje (Resende Costa). Enquanto sua organização civil e religiosa se consolidava, a população alimentava um sonho maior: conquistar sua autonomia político-administrativa.

O desejo coletivo transformou-se em realidade no final da década de 1940, graças ao empenho de lideranças locais que levaram à Assembleia Legislativa de Minas Gerais o anseio de um povo disposto a escrever sua própria história. A conquista veio com a promulgação da Lei Estadual nº. 336, de 27 de dezembro de 1948, que criou oficialmente o município de São Tiago.

Poucos dias depois, em 1º de janeiro de 1949, o novo município foi instalado em uma cerimônia cívica solene realizada no Grupo Escolar “Afonso Pena Júnior”. O evento reuniu autoridades estaduais e marcou o início de uma nova etapa na trajetória de São Tiago.

Na primeira eleição municipal, realizada em março daquele ano, Joaquim Vivas da Mata foi eleito como o primeiro prefeito do município, tendo como vice-prefeito Henrique Pereira Santiago. Também foram eleitos os primeiros vereadores, responsáveis pela organização inicial do Poder Legislativo Municipal e pela



construção das bases administrativas da nova municipalidade.

Desde então, São Tiago nunca deixou de crescer. Seus símbolos oficiais, representados pela bandeira e pelo brasão, sintetizam essa caminhada ao reunir elementos que retratam sua origem mineradora, sua riqueza agrícola, a produção cafeeira, o gado leiteiro e o espírito trabalhador de seu povo. Mais recentemente, a própria identidade visual do município passou a valorizar oficialmente aquilo que se tornou seu maior cartão de visitas: o tradicional biscoito artesanal acompanhado do inseparável café.

Hoje, com pouco mais de 11 mil habitantes, conforme dados do Censo Demográfico de 2022, São Tiago preserva sua essência histórica ao mesmo tempo em que avança rumo ao desenvolvimento. O município, que inclui o distrito de Mercês de Água Limpa e diversas comunidades rurais, destaca-se pela força de sua gente, pela diversidade de seus empreendimentos e pela capacidade de oferecer uma ampla rede de comércio e serviços. A cidade consolidou-se como um importante polo regional, onde moradores encontram produtos, atendimentos e soluções para diferentes necessidades sem precisar buscar outros centros, além de disponibilizar serviços que também atendem municípios vizinhos. Essa dinâmica fortalece a economia local e demonstra o espírito empreendedor de sua população.

Com uma economia sólida e diversificada, São Tiago tem na agropecuária uma de suas principais bases, especialmente na produção leiteira, atividade que atravessa gerações e contribui para a identidade rural do município. Soma-se a esse cenário a tradicional indústria artesanal de biscoitos, patrimônio cultural e econômico reconhecido nacionalmente pela qualidade, pelo sabor e pela autenticidade de seus produtos, que levaram o nome de São Tiago para além das fronteiras de Minas Gerais.

Mais do que uma atividade econômica, o biscoito tornou-se um símbolo de identidade, cultura e pertencimento. Representa o acolhimento das famílias são-tiaguenses, a força do empreendedorismo local e a preservação de um saber que atravessa gerações, mantendo vivas as tradições e os valores da comunidade.

Celebrar os 77 anos de emancipação político-administrativa é reconhecer a coragem daqueles que abriram caminhos, cultivaram a terra, construíram instituições, fortaleceram a economia e preservaram as tradições que fazem de São Tiago uma cidade singular no cenário mineiro.

Que este aniversário seja também um convite para olhar o futuro com esperança e confiança, sem perder de vista as raízes que sustentam a nossa história. Afinal, a história de São Tiago continua sendo escrita diariamente por um povo trabalhador, acolhedor e orgulhoso de sua terra — uma terra onde o aroma do café, o sabor do biscoito e a força de sua gente permanecem como os maiores símbolos de um legado construído ao longo de mais de três séculos.

AO PÉ DA FOGUEIRA



UMA CATIRA, OU MELHOR, UMA TRAPAÇA “RENDOSA”

– O sr. tem fama de levantar cedo, são Altino. Bem vejo que é verdade, pois antes das seis, sol nem se levantou direito, o sr. aí esperto, na labuta, curral cheio de gado... Eu, estradeiro como sempre, persegando por essas beiras...

– Bom dia, são Jardel. Eh, sempre madrugou, às vezes antes das galinhas e do passaredo, bem-te-vi festeiro, quem sabe batoteiro... O gado, como todos sabem, é pra venda, algum regateio... Meu terreno aqui na beira da cidade, com o passadio, vereda de muita gente, sempre é chamarisco de comprador, prosadeiro, converseiro em sua maioria... Lengalenga só.

– Gado novideiro, pelo visto, bem tô vendo... Lustroso, gordo de encher as vistas. O sr. comprou por esses dias?!

– Algumas novilhas são de compra, vieram lá do Suaçuí. Outras próprias ou catira pelas redondezas... Inclusive, estou esperando São Serapião, que ficou de passar por aqui, cedinho, prá negócios urgentes... Inté pensei que fosse ele, tão logo vislumbrei tropel estranho. Se ainda não chegou, deve ter ocorrido algum contratempo, algum desvão, praza Deus não seja pasmoso...

– Aquele lote ali é de venda?! Aqueles três retintas na ponta do curral...

– Por nove contos, eu entrego

– Tá doido, home... E o prazo? E aquelas vacas suíçadas na beira da cocheira?!

– São quatro meio aparelhadas, o sr. tá vendo, né? Coisa fina, apurada. Ah, tem mais duas ali no esconso do outro cocho... Fêmeas de remexer os olhos, mexer com os bolsos, vancê observando, tudo mo-jando, chegando rápido... Por menos de doze, não entrego, preço de pechincha, de toda oportunidade...

– E o prazo, condição de pagamento? Vancê dá 90 dias corridos, não é? Ah, essas duas de último ficam no pensar, no vai ver...

– Arre lá, são Jardel... Sessenta, quem sabe...

– Quer dizer, nove mais doze são vinte e um contos... um dinheirão! Pelo prazo de 70, 75 dias fico com os dois lotes...

– Num podia tá relando assim, não. São Serapião tem interesse forte nesses lotes. Que bicho mordeu o homem que não estruja até agora... Mas, como ele tá tardando, pelo andar da hora e da carruagem, deve nem aparecer, vá lá negócio feito... Bem, salvo incontornada imprevisão...

– E aquelas novilhotas cruzadas ali, puxando pro girolando, são Altino? De tanto gado estrelando o curral, quase não tinha visto...

– Hmm... São dez cabeças, tu tá vendo, home de Deus. Gadão novilhado, supimpa, de ribalta. Um festival de beldades, passarela de mis-ses... A um conto e meio por cabeça, entrego as garotas...

– O prazo, são Altino?

– Quase não posso dar prazo nelas. Já tô pondo preço muito baixo, chinfrim... Só pode ser à vista, no vale seis!

– Vamos peneirar as coisas, são Altino. As nove cabeças já são mi-

nhas por 75 dias, aliás 85 dias, não é?! Vamos fazer o seguinte: levo mais estas dez aí, ou seja, dezenove, todas no prazo de 85 dias, vancê me dando um desconto, um agrado...

– Negativo. A muito pensar, talvez, possa lhe dar 30 dias nessas dez garotas... O prazo das outras é 70, no mais tardar 75, lhe falei... Muito aliás, são sete e não nove as suíçadas e girolandas, são Jardel, pois vancê refugou duas suíças...

– São Altino, vamos refrescar as contas e as ideias: as três retintas e as seis suíçadas são já minhas, pelo prazo de 75 ou melhor 85 dias, tudo de bom acordo?! Fazamos o seguinte: tô vendo que negócio não falta pro amigo, aqui com esse curral cheio, bicharada ajetada, fêmeas boas com mojo formado, um dilúvio de leite. Eu lhe vendo, ou seja, lhe “vorto” as nove que já são minhas, que o sr. disporá rápido aqui, à vista, comprador passando toda hora, (olha são Serapião, que é grande comprador de gado, chegando aí...) por preço ainda melhor do que eu lhe “paguei”. Com essa inflação braba do governo, “coisas” dobrando todo mês, o amigo me dê um agradozinho... Uma, duas cabeças, a troco do prazo...

São Serapião, recém chegado, conhecido produtor rural e negociante de gado por vasta região, macaco velho, daqueles de nunca por mão em cumbuca ou subir em galho seco, logo se “inteira” da negociação entre são Altino e são Jardel. Manifesta firme interesse pelos lotes, inclusive negócio praticamente à vista, diz.

– Tá quase tudo negociado com são Jardel, informa o vendedor. Parte do trato já fechado... O amigo ora chegando, inté pensei: – atrasado, o que virá, fogo de fumaça, ricocheteio de festim, tiro de bazuca...

– Mas não lhe preveni, são Altino, de meu grave interesse no gado?! Tenho compromisso de levar umas vinte cabeças leiteiras, amanhã, no leilão de Brumadinho. Essas me servem e muito... Vancê tá man-gando, manquitolando, denegando minha preferência, nem acredito...

– Eh... Achei que o amigo não iria aparecer. Fui negociando, batendo prosa, me empolgando, compromissando com São Jardel...

– Abro mão do negócio em favor de São Serapião, que tá com en-cargo no leilão de Brumadinho. A troco de duas novilhas suíçadas... informa resoluto são Jardel.

São Serapião e são Jardel confabulam, trocam olhares cúmplices, gestos convexos.

(Daí a pouco, são Jardel, estratégica e sutilmente de forma a “liberar” compra prá São Serapião, sai tocando da fazenda duas das novilhotas suíçadas, na bamburragem, no confuso e difuso, na esperteza... Bem, uma para ele, outra para são Serapião, decerto, bem certo, ora vejam só! – gente esconjurada) São Serapião fechou negócio, bem-te-vi não esperou, voou d’antes...

(Causo que nos foi narrado pelo Dr. João Batista de Resende, de saudosa memória, advogado em Coronel Xavier Chaves e região)

Realização:



Apoio:

